

WISCONSIN
STATE
UNIVERSITY
SYSTEM

LIBRARY
SERIALS
SECTION

VISCONDE DE TAUNAY

AMELIA SMITH

VISCONDE DE TAUNAY

AMELIA SMITH



23. H. 1875

Margaretta

04 87

30. 00

AMELIA SMITH

VISCONDE DE TAUNAY

AMELIA SMITH

SEGUNDA EDIÇÃO



EDITORA
COMP. MELHORAMENTOS DE S. PAULO
(Weiszlog Irmãos incorporada)
S. PAULO - CAYEIRAS - RIO

AO SEU CUNHADO E AMIGO

Dr. LEOPOLDO TEIXEIRA LEITE

O AUTOR

Rio de Janeiro, 14 de Agosto de 1886.

PREFACIO

Quatro foram as peças theatraes escriptas pelo Visconde de Taunay, das quaes dous dramas, uma comedia e um proverbio. A tres fez imprimir.

Em menino e adolescente compuzera uns ensaios que mais tarde rasgou, taes como as comedias *A dedicação de Zopyro*, *Dona Pancha* e um libretto de opera, obra dos dezeseis annos: *Andromaca*, cuja musica começou a escrever conforme varias vezes me relatou.

Mas, por ordem chronologica, a sua primeira producção theatral foi o pequeno proverbio *Da mão á bocca se perde a sôpa* que depois incluiu na collectanea das *Historias Brasileiras*, editadas em 1874. Em 1878 escreveu um libretto para Carlos Gomes: *Paraguassú* que jamais se imprimiu, aliás, nem foi aproveitado pelo compositor. Passados alguns annos publicou na *Revista Brasileira* (phase Midosi) a engraçada comedia de costumes do nosso interior *Por um triz coronel*.

Em 1886 fez apparecer *Amelia Smith*, drama em 4 actos que agora se reimprime em segunda edição.

Chamou esta peça então e muito vivamente a attenção dos principaes criticos do tempo. Mereceu francos elogios de reputados theatrologos, como Arthur Azevedo e reparos de outros escriptores.

Em geral, porém obteve a melhor acolhida.

A vida prodigiosamente activa do politico e propagandista não permittiu a Taunay occupar-se da montagem do seu drama.

Nos ultimos annos de vida havendo travado relações com o romancista e autor dramatico francez snr. Olivier du Taiguy (o

traductor de *Innocencia* sob o pseudonymo de Olivier du Chastel) induziu-o este a que vertesse *Amelia Smith* para o francez afim de submeter a peça á apreciação de um grande theatro parisiense.

Foi o que meu Pae fez, segundo deprehendo das seguintes linhas de seu punho e assignadas, que em seu archivo encontro:

«Na versão franceza, condensei todas as scenas; cortei a das agenciadoras de subscrição de caridade e outras, eliminei todas as allusões á politica local e reuni num só typo o primo medico e o Dr. Ramos, de maneira que a scena capital do ultimo acto — que é legitima novidade no theatro — ficou muito mais vibrante e pungente.

Disse-me Olivier du Chastel: *Le drame à présent se tient superbement sur ses pieds*. Que impressão produzirá em scena? Ignoro.

(a.) VISCONDE DE TAUNAY »

Jamais, aliás, me avistei com esta versão franceza de *Amelia Smith*. Nem sei que paradeiro tiveram os seus originaes.

A ultima producção theatral do seu autor foi *A conquista do filho*, drama destinado a ser representado em Pariz, por apresentação ainda do Snr. du Taiguy. Della deixou meu Pae um rascunho muito completo que fiz inserir na *Revista da Academia Brasileira de Letras*.

Opportunamente pretendo reunir em volume estas suas diversas peças.

Reapparece *Amelia Smith* como verdadeira novidade aos olhos do publico. Sua pequenina edição de 1886 desde muito se esgotara, sendo difficil encontrar os exemplares desta tiragem, aliás muito mediocrementemente esthetica, de Laemmert e Cia.

S. Paulo, 27 de Julho de 1930.

AFFONSO DE E. TAUNAY

PERSONAGENS

JOHN SMITH, *capitalista, marido de*
 AMELIA SMITH
 AYRES PERES, *marido de*
 LUCIA PERES
 JORGE DE CASTRO
 AMADEU, *filho de John e Amelia Smith*
 SILVEIRA, *primo de Ayres Peres*
 JABORANDY
 D. PRUDENCIA
 D. FRANCISCA
 JULIA NUNES, *mulher do*
 CONSELHEIRO SIMPLICIO NUNES
 JACINTHO PIRES
 SIQUEIRA DE MORAES
 DR. MOREIRA ALVES
 ARMINDA SOARES, *mulher de*
 MENDES SOARES
 DR. RAMOS, *medico*
 D. MOLINA REGIS, *diplomata peruano*
 MARIUNA, *parda idosa, ama de Amelia*
 MARTIM PEDRO, *criado de John Smith*
 UM CRIADO DE HOTEL
 CRIADO

Passa-se a scena no Rio de Janeiro, em 1886.

AMELIA SMITH

ACTO I

(Scena ricamente preparada. Quarto nobre de hotel)

SCENA I

(John Smith e Ayres Peres, sentados a fumar, continuando uma conversação).

AYRES PERES *(rindo-se)*

Então isso lhe veio assim... de pancada? Com efeito a surpresa devia ser agradável... bem agradável!

JOHN SMITH

E' verdade. Num bello dia, achei-me rico, bastante rico, muito mais do que julguei poder sel-o.

AYRES PERES *(inclinando-se para John Smith e a baixando a voz, mas jovialmente)*

Pois, meu caro amigo, cá entre nós, e muito em reserva, creio que me acontecerá o contrario... Numa bella manhã... e bella é um modo de dizer... acordarei pobre, muito pobre, sem ter mais o que gastar... Aliás muito mais natural assim... Succede todos os dias, não acha? dahi... certo consolo, se é que não mente o pro-

verbio. (*Sorrindo*) Ensine-me, porem, o meio de ficar rico de repente... mas sem trabalhar muito... Bem sabe que me falta o habito...

JOHN SMITH

Oh! não me comprehendeu então... Eu não ignorava, que meus negocios andavam bem desde a Bahia, quando lá nos conhecemos... E não ha poucos annos, de certo... Passo a passo, acompanhei os progressos da minha fortuna (*rindo-se*) Sou homem pratico, como bom inglez que nasci... Mas o que lhe quiz dizer, é que só ultimamente me entrou fundo no espirito a convicção de que possuia já meios bastantes para cuidar de outra cousa, que não arredondar cabedaes... Hoje, liquidadas as contas, sahirei da casa bancaria com mais de dous mil contos de réis.

AYRES PERES (*deixando a attitude de indifferença, admirado*)

Caspite! (*apertando as mãos de John Smith com effusão*) Parabens! Muitos parabens! Dous mil contos de réis (*emendando*) Mais de dous mil contos! Já faz conta (*um tanto tristonho*) Foi, mais ou menos, quanto herdei. Que fim levaram? Não sei bem... Minha mulher, minha filha, eu... parentes, gastamos tanto, tanto! (*com gesto de resignação*) Pouco importa!...

JOHN SMITH

Tambem a este respeito finha que lhe falar. O seu debito na casa augmentou por tal modo que...

AYRES PERES (*atalhando com altivez*)

Mas tenho ainda muito com que saldar minhas contas... Quatro engenhos no Reconcavo, é alguma cousa... E não são de fogo morto... Aliás muito breve eu parto para a Bahia e de lá enviarei logo fundos.

JOHN SMITH

Perfeitamente. Isto é com a casa. Como já lhe disse, della estou quasi desligado. Dentro em pouco, serei méra e simplesmente socio commanditario... *limited* (*rindo-se*) Comprehende? Com o meu bom e leal amigo, o Sr. Commendador Ayres Peres...

AYRES PERES (*inclinando-se*)

Obrigado.

JOHN SMITH (*continuando*)

Nunca terei, nem poderei ter questões (*parando um pouco*) muito principalmente agora que recorro á sua sympathica intervenção para negocio do meu particular interesse e interesse muito importante... muito!

AYRES PERES (*com curiosidade*)

Ah?!

JOHN SMITH

Sim!... E' um tanto singular o pedido...

AYRES PERES

E posso servil-o?

JOHN SMITH

Perfeitamente... Em todo o caso... ajudar-me...

AYRES PERES (*pressuroso*)

Conte então commigo... Que é?

JOHN SMITH (*depois de breve pausa*)

Pensei em casar-me... e lembrou-me deixar isso ao seu cuidado... só e só... ao seu cuidado.

AYRES PERES

Como assim?

JOHN SMITH

Ha dias, ha semanas, gira-me na cabeça essa idéa fixa... casar-me!... Com quem? Não sei... Tão absorvido andei sempre com os negocios desde a mais tenra mocidade, que não tive tempo para mais nada... O senhor conheceu-me na Bahia... Era bem joven... 22 annos, guarda-livros, socio já interessado na casa filial desta do Rio de Janeiro, cuja gerencia tomei ha 15 annos...

AYRES PERES

Aliás um modelo de bons costumes... Sempre jovial... optimo companheiro de voltarete.

JOHN SMITH

Pois bem, a minha vida de então foi a de todos os tempos... Sinto-me hoje igualmente juvenil e alegre... mas não sei, a lembrança dos meus 42 annos já feitos aterra-me agora. Preciso gosar um bocadinho da existencia...

AYRES PERES

Oh! Não se faça tambem de muito santinho...

JOHN SMITH (*rindo-se*)

Não, de certo. Conheço bem o mundo... Até ha pouco tempo, não pensara nos inconvenientes do solteirismo... Quem tem bons dentes, estomago valente, espirito despreoccupado, bolsa cheia e mais ou menos franca aos amigos, vive a contento proprio e dos outros... Um dia, porem, reconheci que nesta vida ha outra cousa mais do que satisfazer os impulsos do egoismo... Entrei nesse periodo... Pensei muito...

AYRES PERES

Ah! meu caro, tudo lhe sae ás avessas dos mais... Pensou muito... e quer casar?

JOHN SMITH

Exactamente... E para tanto recorro ao amigo...

AYRES PERES (*perplexo e atalhando*)

Mas como?

JOHN SMITH (*continuando*)

... dando-lhe plenos poderes para dispôr de minha pessoa e de minha sorte... para ligar-me...

AYRES PERES

Com quem, santo Deus?!

JOHN SMITH

Procure... se é que me estima... Appello para o senhor como pessoa que me mostra affeição ha mais de 20 annos, não é verdade? e que não se furtará á missão de ajudar-me em tão grave contingencia...

AYRES PERES (*amavel*)

De certo... mas a sua idéa prima em originalidade...

JOHN SMITH

Num inglez... é desculpavel. Apesar de todo o meu brasileirismo... ainda espero pela grande naturalisação...

AYRES PERES

Não duvido prestar-lhe todos os officios de bom amigo... mas para casar os outros... sinceramente, nunca tive vocação... Eu mesmo casei... um tanto empurrado...

JOHN SMITH

Que ingrato!... Uma senhora tão bella, tão boa!...

AYRES PERES (*com alguma impaciencia*)

De certo... mas tambem muito senhora de suas vontades! Gasta demais. Verdade é que não lhe fico a dever... Ah! meu amigo, o casamento! Felizmente só tenho uma filha (*depois de assoprar uma fumaça*) Mas, voltemos ao seu negocio... Terá o senhor alguem na intenção? Vamos; toda a sinceridade é pouca em taes casos...

JOHN SMITH

Palavra que não! Vivo em plena sociedade, mas della nada conheço... Sou uma tangente ao grande circulo. Mal appareço em qualquer parte, concerto, *soirée* ou baile, e logo me sequestram para o voltarete ou o *écarté*... E assim, cheguei aos 42 annos...

AYRES PERES

Tambem não esteja a fazer tanto barulho com os seus 42 annos! Quantos moços desejariam a sua força, saude e alegria?

JOHN SMITH (*risonho*)

Ah! lá isto, concordo. Nem me queixo. Sinto-me, porem, deslocado; quero mudar de rumo...

AYRES PERES

Em todo o caso, não estabelece condições... Em summa, o que lhe parece convir? Quer alguma ricassa? Contenta-se só com belleza e virtudes?

JOHN SMITH

Não tome, meu amigo, as cousas como se fosse um agente de casamentos. Veja bem o que eu lhe expuz e de que modo lhe entrego o meu futuro... O senhor conhece tanta, tanta gente... acho impossivel que não lhe apraza prestar-me auxilio... Aqui, ou na Bahia, não vê... assim, de momento, quem me possa convir, não é? Pois... guardemos para mais tarde... mas não perca de memoria a minha incumbencia... E' da maior importancia.

AYRES PERES

Espere (*como que recordando-se*) Não se lembra de Ercilia?

JOHN SMITH

Sua prima?

AYRES PERES

Exactamente... E' solteira... tem alguma cousa de seu...

JOHN SMITH

Deve estar hoje com os seus 28 ou 29 annos...

AYRES PERES

Isto mesmo... A proporção de idade guardada...

JOHN SMITH

Quando a vi, ha poucos annos, era uma bella pessoa.

AYRES PERES

E não faz differença alguma... E, nem de proposito, ao sahir da Bahia, eu lhe disse gracejando, que lhe arranjaria na Côrte um noivo... Sabe que não pensa noutra cousa...

JOHN SMITH (*um tanto esquivo*)

Sim... e isto lhe dá certo ridiculo... Desculpe-me...

AYRES PERES (*sorrindo*)

Oh! Tem plena licença... Sempre o caso das mulheres demasiado exigentes... Parece que estava a espera de algum principe encantado... O seu ideal, exclamava convictamente. Até aos 25 annos, o gostinho foi recusar casamentos... E o satisfiz a farta, porquanto rejeitou a muito candidato excellente, que hoje aceitaria pressurosa... Depois, enorme pavor de ficar solteirona, o que a expõe a equivoscos engraçados... Emfim, uma luta! Seu bom senso tem passado por transes para, muitas vezes, livral-a de situações comicas. Aliás sempre digna e capaz de fazer a felicidade de quem a tomar por esposa... Estou vendo que esta não lhe agrada.

JOHN SMITH (*levantando-se*)

Emfim, falaremos depois... com mais pausa... Adeus... e tenha bem em lembrança o que lhe pedi... Conversaremos...

AYRES PERES (*levantando-se tambem*)

Espere... E por que não virá jantar hoje conosco? Tem muito que fazer? (*Rindo-se*) Um homem tão rico!... Venha, ouviu?

JOHN SMITH

Talvez, mas não é certo... Ah!... ahi chega sua senhora. (*Lucia entra*).

SCENA II

(Os precedentes, Lucia, ricamente trajada).

JOHN SMITH (*adiantando-se ao encontro de Lucia*)

Ia sahir, minha senhora... pelo que me desculpará, dando-me as suas ordens...

LUCIA (*amavel*)

Ora, muito bem, sempre o mesmo, hein? E' senhoras a entrar por uma porta, e o senhor Smith, a sahir por outra...

JOHN SMITH

Pelo amor de Deus! (*Com intenção*) Se ha verdade na censura, pretendo regenerar-me... Demais começo breve, porquanto daqui a pouco volto, honrado com amabilissimo convite...

AYRES PERES

E' facto. O Sr. John Smith janta hoje connosco...

LUCIA (*risonha*)

Sim?... justamente o hotel tem agora cozinheiro mais supportavel.

JOHN SMITH

Não é comtudo o Anselmo... aquelle seu da Bahia... Um artista!

AYRES PERES

Tratante... mas esplendido.

LUCIA (*para John Smith*)

Então o esperamos?...

JOHN SMITH

Esperar, não... conte commigo... De hoje em diante, sou outro (*para Ayres Peres, alto*) Silencio absoluto, ouviu?

LUCIA (*com curiosidade*)

A que respeito? Alguma cartada... não é?

JOHN SMITH (*risonho*)

Com effeito... cartada... e muito arriscada... Em todo caso, adeus... Se fôr ouvir a V. Ex., daqui não saio mais...

LUCIA

Bravo! Bravo! Cumprimentos a senhoras!... Veirão que breve o Sr. casa...

JOHN SMITH (*fingindo precipitação*)

Fujo... fujo!... Não se póde ter segredos, com perspicacias destas!... (*sahe alegremente*).

SCENA III

(Ayres Peres e Lucia)

AYRES PERES (*sentando-se com ar aborrecido*)

Decididamente é preciso cuidarmos da partida... E quanto antes...

LUCIA (*sentando-se num canapé e abrindo um livro; friamente*)

Sim?... E porque?...

AYRES PERES (*um tanto arrebatado*)

Porque a vida que aqui levamos não póde continuar... é um impossivel!

LUCIA (*distrahida*)

Ah! Não vejo como...

AYRES PERES

Um impossivel! Ha poucos mezes que sahimos da Bahia e os gastos são enormes... Nem sei quanto! (*Levanta-se, passeia agitado, enquanto Lucia finge que lê*) Pelo menos, lá na Provincia talvez fosse metade. (*Mudando de tom, approximando de Lucia e com tom insinuante*) Ando, Lucia, bem assustado com o futuro. Não tenho querido aprofundar contigo esta

questão, mas, no fim de contas, devorar o capital é o modo mais racional e certo de chegar a não ter mais rendas...

LUCIA (*abaixando o livro e um tanto provocante*)

Rendas... trouxe-as bastantes dos meus paes... em todos os sentidos... As que tive de zelar, ainda estão commigo...

AYRES PERES (*meio apressado e conciliador*)

De certo! De certo... A fortuna que você trouxe de dote duplicou a minha.

LUCIA

Pois então?

AYRES PERES

Eramos os herdeiros mais ricos da Bahia, mas...

LUCIA

Mas, o que?

AYRES PERES (*continuando*)

Não ha cabedaes que resistam... Ambos temos tido culpa...

LUCIA (*indifferente*)

Eu? Não... De nada me accusa a consciencia... Estou acostumada ao luxo, desde que me entendo, e com todo o cuidado providenciaram meus paes para que esse luxo nunca me devesse faltar... Não alterei os meus habitos, e, mantendo-os, cumpro até o meu dever; honro a educação que recebi...

AYRES PERES (*impaciente*)

Então a mim só é que cabe a responsabilidade?

LUCIA (*sempre calma*)

Pergunte a si mesmo... Quem o levou a emprezas arriscadas?

AYRES PERES

Conhecer, no fim de certo tempo, que os meios de que dispunhamos não bastavam...

LUCIA

Aquella idéa de engenhos centraes? Que erro e...

AYRES PERES

E o progresso?

LUCIA (*continuando*)

Sim, progresso que nos devorou cento e tantos contos... senão duzentos... Eu sei lá! Talvez nem você saiba... E as minas de cobre? Mundos e fundos... Era negocio infallivel... e afinal só decepções... a fuga de um guarda-livros com 50 contos... e o mais... E aquella pescaria maravilhosa nos Abrolhos?... Pescaram-lhe do bolso 80 contos... Em summa, um sem fim de cousas, que só serviram para lhe tirar dinheiro e... credito... Se você não tinha capacidade...

AYRES PERES (*com alguma anciedade, passeando de frente da mulher*).

Lucia!... Pelo amor de Deus, não se exceda!...

LUCIA (*levantando-se e arrebatada*)

Ora, adeus, já lhe disse que não me aborreça com

as suas recriminações... Tenho feito o que posso para accommodar-me ás circumstancias... Na Bahia, acabei com mil exigencias do luxo...

AYRES PERES (*ironico*)

Sim... para vir gastar ainda mais aqui...

LUCIA

E como quer que eu faça a transição?... Eliminar de momento carros... jantares... partidas semanaes... Isto se faz de um dia para outro? E' preciso, pelo menos, saber guardar as apparencias... Deseja você de uma boa vez dar-se por fallido?... Aliás a proposta de viagem foi sua... toda sua... Mais uma idéa que lhe pertence...

AYRES PERES

Sinceramente me arrependo... Antes continuar como iamós... Emfim (*de novo arrebatado*). A culpa então é minha!... Só minha? Que significa, porem, esta ultima conta? (*Procura entre os papeis de cima de uma mesa*) E' de Notre Dame. Tres contos e duzentos...

LUCIA (*chasqueando*)

E não é caro... As nossas *toilettes* fizeram furor.

AYRES PERES (*colerico, mas comedindo-se*)

Furor, devo eu sentir... Uma mulher que não quer attender ao estado de sua casa, é causa certa de ruina...

LUCIA (*ironica*)

Oh! meu amigo, sentenças? Nada de melodramas...

Ainda não chegamos a tanto... Deixe ficarmos de todo arruinados...

AYRES PERES

Mas, senhora, tres contos e duzentos para um baile do Cassino!...

LUCIA (*levantando-se*)

Ora, que exageração! Nessa conta entra... ou deve entrar... muita cousa que não foi para o baile... Vocês, homens, não entendem disso.

AYRES PERES

E o resultado de tamanhos gastos?... Não me dirá? Que proveito?

LUCIA

E' boa!... A representação... a sociedade!

AYRES PERES

Eis duas senhoras que, para figurarem numa noite... ou melhor numas tres ou quatro horas da noite...

LUCIA (*sentando-se com ar de pouco caso*)
Quando acabar... avise...

AYRES PERES (*exaltando-se*)

Não... tenho muito que dizer... muitissimo!... (*Continuando com volubildade*) Só para ouvirem meia duzia de toleirões exclamar: «Que rico traje! Que chic! Quanto gosto!» atiram fora, de uma vez, o que poderia ser ordenado annual — e bom ordenado — de um empregado publico de categoria superior.

LUCIA (*com fingida calma*)

Já acabou?

AYRES PERES (*atalhando e moderando-se de subito*)

Perdoe-me... procuro defender-me... Nada mais! A senhora falou-me na má gerencia da nossa fortuna commum. Estou lhe mostrando como... ha faltas para nós dous... Podemos repartir...

LUCIA (*ironica*)

Ha de, porém, o senhor meu marido concordar que desse baile do Cassino... desse grande desperdicio— quero ir com as suas idéas — não nos resultou pesar algum... Pelo contrario, sentiu-se a sua vaidade docemente bafejada, quando ouviu os elogios que teciam á belleza de Amelia e... ao meu bom gosto...

AYRES PERES (*sentando-se*)

De facto... sei ser razoavel (*meio conciliador*) Aliás para que estas discussões?... Nada adiantam...

LUCIA

Não... Têm suas vantagens... Elucidam muita cousa... (*levantando-se*) Você faz grande cabedal das minhas despezas... Pois bem... sou generosa... não busco imital-o, nem uso das armas que o acaso me põe nas mãos (*tira do bolso uns papeis*) O que acontece é que me vou instruindo... Nada mais. (*Apresentando duas contas*) Conhece isto?

AYRES PERES (*admirado*)

Não... Que é?

LUCIA (*risonha, a contra gosto*)

Contas... tambem contas... Oh! mas estas só suas... suas privativamente.

AYRES PERES (*meio atrapalhado*)

Minhas? Como assim?

LUCIA

E' verdade... E cousa bem edificante... Se não lhe dou mais importancia... é porque... porque já passei da idade em que isto me abalaria... Sim... contas suas, meu caro... Deixou-as rolar por ahi... só tive o trabalho de apanhal-as no chão... dando graças a Deus, que não tivessem cahido ás mãos de Amelia.

AYRES PERES

Não sei... deveras, a que se refere...

LUCIA

Eis do que não duvido... Talvez nem as houvesse lido... Ouça pois... E' curioso... Primeira conta (*lendo com vagar um papel que desdobrou*) «Hotel des Frères Provençaux. Ceia de 15 talheres, offerecida a Mademoiselle Victorine Sabran... 400\$.» «Idem no dia 12 de Abril» (*interrompendo*) Seis dias de intervallo apenas... 420\$. Agora outra conta. E' do Hotel do Globo (*lendo*) «Jantar politico offerecido ao Sr. barão de Casabella 1:300\$.» Somma tudo... (*depois de fazer rapidamente e a meia voz a addição*) somma total 2:120\$000.

AYRES PERES (*confuso*)

Mas... não... não é commigo...

LUCIA (*motejando*)

Oh! se é!... Nada falta (*lendo com pausa proposital*) «O Exmo. Sr. coronel Fernando Ayres Peres deve.» Veja bem que não falta nenhum sacramento... nome de baptismo, de familia, e até... o posto da guarda nacional (*mudando de tom*) E porque não pagou ainda? Quanto antes convem fazel-o. Nada de papeis ridiculos... Contas dessas, que o compromettem, devem ser saldas sem demora. (*Com serenidade*) Ora, adeus! Essa Mademoiselle é a Victorine, do Alcazar? Não lhe acho mau gosto... Bem vê que tambem sou razoavel... Oh! meu caro, aceito as cousas, como devem ser tomadas... Politica e mulheres do theatro... sem isto os homens não se consideram felizes... Bem. E dou-lhes razão... O que é, no fim de contas, a politica senão mulher de theatro? (*Silencio entre os dous. Lucia passeia de um lado para outro, emquanto fala. Lucia parando junto a Ayres Peres*) Então adiaremos a viagem, não é?

AYRES PERES (*acanhado*)

Como queira... Bem sabe que sempre lhe obedeço...

LUCIA (*entregando as contas*)

Mande, pois, quanto antes pagar todas as contas, ouviu? (*Com outro tom*) Mas... ao que vinha hoje o John Smith? Alguma letra que reformar?

AYRES PERES (*aproveitando a diversão e animando-se*)

Nada... Um pedido singular... exquisitez de inglez... Encarregou-me, nada mais, nada menos, de casal-o... (*um tanto ironico*) Parece que tenho dedo para isso...

LUCIA (*admirada*)

Casal-o?... E com quem? Sem duvida disse a quem pretende...

AYRES PERES (*levantando-se*)

Não... cousa vaga... Uma incumbencia geral...

LUCIA

E você a aceitou?

AYRES PERES

Sim... e não... Basta para mim o encargo de casar Amelia... A John Smith lembrei a prima Ercilia... Pareceu-me... assim pouco satisfeito... Diz, comtudo, que tomará de olhos fechados a quem eu indicar... E não é nenhum partido vulgar... o Sr. John Smith, não de certo! Tem hoje de seu mais de dous mil contos de réis...

LUCIA (*rapida*)

Tanto assim?... Ahi ha muito conto...

AYRES PERES

Nem um real menos... Eu soube da propria boca... é homem que nunca mentiu...

LUCIA (*achegando-se a Ayres Peres*)

E o casamento depende unicamente da sua indicação?... Enfim está nas suas mãos?...

AYRES PERES (*encolhendo os hombros*)

Parece que sim... Não sei bem... Mas por que esta pergunta? Quererá você impingir alguma protegida feiarrona (*rindo-se*) Olhe que não consentirei... Defenderei o meu amigo...

LUCIA (*com vagar*)

Quem sabe... se John Smith não tinha segunda tenção? Você não o sondou?

AYRES PERES

Quero crer que não... Pedi-lhe toda a franqueza e elle me respondeu com tamanha sinceridade... Qual seria aliás o seu pensamento occulto?

LUCIA

Muito simples...

AYRES PERES

Assim... de relance... não acho...

LUCIA

Casar com Amelia...

AYRES PERES (*rapido*)

Nossa filha?

LUCIA

Ella mesma.

AYRES PERES (*um tanto arrebatado*)

Ora, mas é... quasi desaforo... Afinal Amelia tem antepassados illustres... E' de sangue azul... e eu sei lá donde vem esse homem? Muito honrado, muito digno... é factó, mas...

LUCIA

Mas, o que? Tem elle a aristocracia de hoje, que nós... vamos perdendo... a do dinheiro; e essa vale muito, senão tudo...

AYRES PERES (*como perplexo*)

E a differença de idade? 42 annos para 21... Demais, não terá ella alguma afeição particular?

LUCIA

Ácredito que não... E' da nossa raça... egoismo a valer... e orgulho... idem. Conhece bem o mundo em que se fazem os casamentos...

AYRES PERES

Mas o Silveira?... Desde que chegou da Bahia, não nos deixou um instante... e com ares mysteriosos de quem vai desembuxar um pedido de casamento...

LUCIA (*sorrindo*)

O primo? Elle, sim, bebe os ares por Amelia, que quando muito, se deixa amar... Nada mais...

AYRES PERES (*com alguma duvida*)

Então você julga que John Smith lhe agradará? De factó, posta de lado a questão de casta, tenho in-

teira confiança; fará feliz a mulher que desposar... Se a idéa merece aceitação... do meu lado... Mas (*com calor*) nenhum constrangimento da parte de Amelia... Nenhum! Conversarei antes com ella... quero a maior franqueza...

LUCIA (*olhando para a porta*)

Pois converse... eil-a que chega... (*Amelia entra*)

SCENA IV

(Os precedentes, Amelia. Amelia muito bem vestida e com gosto apurado. Entra um tanto precipitadamente. Lucia senta-se; Ayres Peres conserva-se de pé).

AMELIA (*caminhando para um dos espelhos da sala*)

E' a ultima vez que deixo a Mariuna pentear-me... Poz-me a cabeça a tinir... E hoje que temos a partida do barão de Valsanto... Mande vir o cabelleiro, papae (*arranjando os cabellos*) Não posso ir assim... não posso!

AYRES PERES

Estás esplendida... mas, emfim, faze como entenderes...

AMELIA (*voltada sempre para o espelho*)

Estou simplesmente impossivel... Pobre Mariuna... muita boa vontade, mas um desageito... Acha sempre que sou uma criança de collo...

LUCIA (*com certa aspereza*)

A culpa é tua... Estragaste com teus mimos essa mulata. Se sabe lêr e escrever! E' toda pernóstica... aliás meio doida... Muito atrevida commigo... e com todos... só ouve a ti...

AMELIA (*risonha*)

Pobre Mariuna... Ella me quer tanto, tanto!... Com effeito, ás vezes me parece que tem uma aduela de menos. Em todo o caso, não sabe pentear... E temos que ir á partida, hoje, não é?

LUCIA

Por certo... Como faltar?

AMELIA (*sorrindo para Ayres Peres*)

Precisamos aproveitar o tempo, ameaçadas da tal Bahia...

LUCIA

Dou-te, porem, a boa noticia de que não será já e já.

AMELIA (*correndo para Ayres Peres*)

Bravo, Sr. meu pae, bravo! Deveras? Eu não contava...

AYRES PERES (*fingindo amúo*)

Então muito te aborrece a nossa pobre Bahia?

AMELIA (*com volubildade*)

Gosto, de certo, da terra, em que nasci... tem cousas boas... amigas de infancia... mas emfim... côrte é côrte...

AYRES PERES

Ingrata!... Pois bem, está hoje em tuas mãos ficar de uma vez neste teu Rio de Janeiro, que tanto apreciavas, e por que suspiravas tanto...

AMELIA (*um tanto surpresa*)

Em minhas mãos?

LUCIA (*risonha*)

Só e só...

AMELIA (*com alguma reserva*)

Já sei... mais um pedido de casamento.

AYRES PERES

Mais um, sim, senhora.

AMELIA

Algum príncipe? (*rindo-se*) Bem sabe quanto sou exigente!

LUCIA (*levantando-se*)

Príncipe totalmente não... mas partido excelente e que a nós dous muito convém... muito! Só falta conhecermos como pensas...

AYRES PERES

E é o essencial...

AMELIA

Mas quem!? Até agora — força é confessar — os partidos que tenho tido... não foram de entontecer... Davam lugar á reflexão.

LUCIA (*insinuante*)

Com este, não será assim... é brilhante.

AYRES PERES

Rarissimos conta o Brasil iguaes...

AMELIA (*subitamente alterada*)

Algum velho então? Um titular? (*com allivez*)
E não é triste tratarmos disso?

LUCIA

Não faças injustiças a teus paes levemente...

AYRES PERES (*pressuroso*)

Se tiveres qualquer inclinação... Nem mais uma palavra...

AMELIA (*indifferente e com pausa*)

Inclinação?... Sinceramente... não. Mas, enfim, vejamos quem pediu minha mão... Posso adivinhar?...

LUCIA

Talvez não... embora muito o conheças.

AYRES PERES

Sem mais rodeios, minha cara, foi o Sr. John Smith... o nosso velho conhecido da Bahia.

LUCIA (*apressada*)

Velho é um modo de dizer...

AMELIA (*surpresa*)

O Sr. John Smith?

LUCIA

Em pessoa... muito jovial sempre... amigo dos salões, mas até agora sempre com os homens...

AMELIA (*com um sorriso abstracto*)

John Smith? Mas ha dias falou commigo... a rir-se... não percebi cousa alguma... Estava a mil leguas de imaginar essa historia... E' deveras engraçada...

AYRES PERES

Homem mais digno é impossivel encontrar...

AMELIA (*com vivacidade*)

Mas podia ser meu pae... 45 annos, não é?

LUCIA (*sorrindo*)

Oh! quarenta annos... quando muito... Aliás não mudou desde que o conheço...

AMELIA

E' verdade... Sempre a mesma physionomia sympathica e boa... Não mette medo a ninguem.

AYRES PERES

E que character! Vale o que é.

LUCIA (*pegando na mão de Amelia*)

Nem ha quem te convenha, filha, como elle. Sabes quanto precisas do luxo... E' uma segunda natureza, que herdaste de mim e... dos teus antepassados... Só elle t'o poderá dar na medida do que mereces e de-sejas.

AMELIA (*com alguma hesitação*)

Então é um Créso?

LUCIA

Pergunta a teu pai...

AYRES PERES

E' homem bastante rico... Fortuna liquida... Tem mais de dous mil contos de réis, o que representa no minimo uma renda annual superior a cem contos de réis. E, filha minha, se assim te falo, é por conheceres já um pouco a realidade da vida... Oh! que prazer... ver a nossa bahianinha brilhando na côrte... machucando as orgulhosas cariocas...

AMELIA (*como que a se revoltar*)

Mas eu não quero vender-me...

LUCIA (*vivamente*)

E quem te falou nisso? Por ventura, esse cavalleiro, é algum velho repulsivo?... Tu nos offendes, menina... Contamos simplesmente o que ha...

AYRES PERES

Nada mais... Consulta o teu coração... mas atende tambem um pouco á razão... Não és nenhuma mocinha de 15 annos, á espera de cousas extraordinarias...

LUCIA (*continuando*)

E de promessas de fadas madrinhas... Terás afeição especial a alguem?

AMELIA (*um tanto constrangida*)

Já lhes disse que não... Fui precipitada...

AYRES PERES (*tomando o chapéu*)

Pois, filha, vê o que decides... Vou sahir, mas volto já. Desejo que te resolvas depressa... E só por ti, ouviste? Só e só... (*Amelia toma um livro sobre a mesa e o folheia distrahida*).

LUCIA (*á meia voz para Ayres Peres*)

Diga a John Smith, que ella aceita... Partidos desses não se engeitam... Diga! (*Alto*) Então não se demore...

AYRES PERES

Volto já...

UM CRIADO (*entrando*)

Uma commissão de senhoras deseja falar....

AYRES PERES (*jovialmente*)

Uma commissão!... Vou fugindo...

AMELIA (*voltando-se*)

Que é?

LUCIA

Uma commissão de senhoras? Que quererá?

AYRES PERES

Com certeza, peditorio de dinheiro... Vocês a aturem... Eu me raspo... Ah! e por esta porta... A-deus! (*Ayres Peres sae pela porta lateral da direita*).

SCENA V

(*As precedentes, Madame Jaborandy, D. Prudencia, D. Francisca. As tres entram gravemente, com maneiras um tanto altivas*).

LUCIA (*adiantando-se para ellas*)

Oh! Madame Jaborandy, D. Prudencia, D. Francisca! Que prazer de vel-as (*Beija-as*) Sentem-se (*Para Amelia*) Menina, as nossas boas amigas (*Amelia as beija por seu turno*) Mas que solennidade! Em commissão, que quer isto dizer? (*Sentam-se todas. Breve momento de silencio*).

D. PRUDENCIA (*para Madame Jaborandy*)

Fale, minha collega, fale por nós...

D. FRANCISCA (*rapida*)

Eu poderia falar... Toca-me a vez...

MADAME JABORANDY (*com muita dignidade*)

Se V. Ex. exige... cedo-lhe a palavra... E' começar...

D. FRANCISCA (*com azedume*)

Não sou nenhuma muda... graças ao poderoso Santissimo... mas a senhora diga a que vimos...

MADAME JABORANDY

Nunca fiz questão...

D. PRUDENCIA (*intervindo*)

Minhas amigas... pelo amor de Deus! Estamos perdendo tempo precioso... Fale, Madame Jaborandy.

MADAME JABORANDY (*depois de concertar a garganta; para Lucia e Amelia*)

O fim, Excellentissimas senhoras, que nos traz á vossa presença é todo humanitario (*Em tom de prelecção*) Bella é a caridade em todos os corações; nos masculinos é esplendida; mas nos femininos é sublime...

D. FRANCISCA (*desdobrando um papel que quer passar a Amelia; á meia voz*)

Assigne na minha lista, ouviu, D. Amelia?

D. PRUDENCIA (*para D. Francisca*)

D. Chiquinha! Não se ouve... tenha paciencia...

MADAME JABORANDY (*continuando*)

Vossas Excellencias, minhas amigas...

D. PRUDENCIA (*atalhando*)

Nossas amigas!

MADAME JABORANDY (*voltando-se gravemente para D. Prudencia*)

Queira attender-me... A senhora *me coupe la parole*, como dizem os levianos francezes. Repito, Vossas Excellencias, amigas minhas (*accentuando as palavras*) bem como destas duas senhoras, membros da commissão...

D. FRANCISCA (*rapida*)

Acho melhor socias...

MADAME JABORANDY (*insistindo*)

...membros da commissão philanthropica *Amor ao Proximo*...

D. PRUDENCIA

Perfeitamente... Approvo assim... Póde continuar...

MADAME JABORANDY (*continuando*)

Vossas Excellencias não têm de certo os corações do seu sexo fechados a esses sentimentos.

D. FRANCISCA (*para Amelia, á meia voz*)

Ahi vem arrebatamento...

MADAME JABORANDY (*com subito arroubo*)

Oh! caridade, filha primogenita de Christo!... Sem ti, não ha humanidade...

D. FRANCISCA (*puxando o vestido de Amelia, á meia voz*)

Olhe que tolice!

MADAME JABORANDY (*sempre arrebatada*)

Sim, caridade, em latim *charitas, charitatis*, exclamava S. Francisco de Paula em suas lições aos reis e povos da terra conhecida e desconhecida. E com taes accentos, que commovia até os brutos, insensatos e irracionaes.

D. FRANCISCA (*á meia voz para Amelia*)
Como isto é lisongeiro para as senhoras...

D. PRUDENCIA (*voltando-se rapida e severa*)
Scio!... D. Francisca.

MADAME JABORANDY (*acalmando-se*)

Debaixo destes principios e neste seculo de evolução, recorremos a V. Ex., com o fim de obtermos uma esmola... um obulo, diziam os gregos... athenienses e beocios...

D. FRANCISCA (*insistente e á meia voz para Amelia*)

Assigne na minha lista, ouviu? Veja que bonitos nomes já tenho, a baroneza de Tardefeita... Mme. Piraqué.

MADAME JABORANDY

Temos tido a rara felicidade — *rara avis!* de por toda a parte encontrarmos almas e bolsas abertas... *des âmes et des bourses ouvertes*, e...

D. PRUDENCIA (*interrompendo*)

Menos em casa da viscondessa de Ariranha...

D. FRANCISCA

E' verdade! Cruzes! Que raiva tive...

D. PRUDENCIA

Que gente sovina! Quando me lembro... fico fóra de mim!

MADAME JABORANDY

Calma, calma, minhas amigas... Sejam superiores a estas miserias...

LUCIA

Pois, minhas senhoras, estou prompta para ajudal-as em seu nobre empenho... De que se trata porrem?

MADAME JABORANDY (*surpreza*)

Como?... Ainda não sabe? Os jornaes não falam noutra cousa...

D. PRUDENCIA (*sacando do bolso um jornal*)

As folhas diarias estão cheias... O *Jornal do Commercio*...

D. FRANCISCA (*apresentando uma porção de jornaes*)

Leia o que tem dito a *Gazeta de Noticias*.

MADAME JABORANDY (*solemne*)

Do que se trata, porem? Ampararmos as sobrinhas e sobrinhos do Dr. Theophrasto Theopompo Madureira... um sabio! Morreu na miseria... Não tinha um real de seu... e sustentava cinco sobrinhas moças e quatro sobrinhos homens... Trabalhava no seu monumental livro — *As abelhas e os homens*, quando a morte — *pallida mors!* — o arrebatou... (*Para Lucia*) V. Ex. sem duvida ouviu falar nessa obra...

LUCIA (*muito grave*)

Pois não!

D. FRANCISCA (*apresentando um livro muito grosso*)

Eis o 1.º tomo... custa 50\$000...

LUCIA (*tomando o livro*)

Aceitamos com muito gosto... e havemos de lel-o...

MADAME JABORANDY

Nem era de esperar outra cousa de espiritos tão elevados... Recommendo-lhes o capitulo 84 «*A morte*

dos zangões». Deixa a nós outras, do sexo fraco e victimado, vingadas do eterno masculino!... (*Apresentando a Lucia uma lista*) Agora, assigne o seu nome...

D. FRANCISCA (*levantando-se e apresentando o papel que offereceu a Amelia*)

Nesta, minha amiga... Nesta! Olhe aqui está o lapis... Veja os nomes que figuram.

D. PRUDENCIA (*apresentando tambem uma lista*)

Santo Deus, D. Chiquinha, cruces, Maria Santissima... para que tanto açodamento!... Trabalhamos ou não em commum?...

MADAME JABORANDY (*exaltando-se*)

Para mim... só canseiras... para as outras a gloria!... Não é por me gabar... mas se não fosse aquella infeliz familia... Prudenciemos, D. Prudencia; D. Chiquinha, mais calma... As senhoras me *bouleversam*... (*Para Lucia*) Em todo o caso, a nossa amiga não póde assignar menos de 200\$000...

D. PRUDENCIA (*rapida*)

Por certo!...

D. FRANCISCA

Boa duvida!

MADAME JABORANDY (*insistente*)
Tão illustre representante da Bahia...

LUCIA (*um tanto acanhada*)
Não sei... ainda...

D. FRANCISCA (*levantando a voz*)

Tenha paciencia, minha cara senhora, mas daqui não arredamos pé, sem que assigne essa quantia... pelo menos, ouviu? que para cima a liberdade é ampla... Repare que se assim procedemos e mostramos tal ou qual energia, é pelo sentimento do dever...

D. PRUDENCIA (*exaltando-se*)

Apoiado... Não levamos em conta o trabalho nosso...

MADAME JABORANDY (*com meiguice*)

Tão rica como é, D. Lucia, a senhora...

LUCIA (*decidindo-se*)

Pois bem, façam de mim... o que quizerem...

MADAME JABORANDY (*molhando na boca um lapis*)

Perfeitamente... Então ponho aqui o seu nome...

D. FRANCISCA (*intervindo*)

Perdoe, Excellentissima... Nada de violentarmos os desejos intimos e respeitabilissimos destas senhoras... Ellas que assignem na lista que lhes aprouver... Precisamos dar exemplos de moderação. O Rio de Janeiro está com os olhos em nós...

D. PRUDENCIA

Apoiado... Graças a Deus, esta commissão se tem até agora mostrado á altura dos seus deveres... Ha muita gravidade em qualquer passo errado. (*Com repentina exaltação*) Madame Jaborandy, passos errados em pessoas como nós... oh! é muito grave, muito...

D. FRANCISCA

Exactamente... Nada de impormos... nada de exigencias... D. Lucia assignará onde quizer...

LUCIA

Ora, pelo amor de Deus, qualquer serve...

D. PRUDENCIA

Não é tanto assim... Perdoe-me, V. Ex. não tem pratica disto... Ah! um alvitre... Dividamos entre nós tres a quantia... Assim ninguem se queixará...

MADAME JABORANDY

Estou por tudo...

D. FRANCISCA

Mas não dá certo... Bem!... façamos una cousa... D. Lucia em vez de 200\$, dará 201\$. Assim... (*como que fazendo de memoria a divisão*) tocará 67\$ a cada uma...

MADAME JABORANDY (*com ar de desprezo*)

Na minha lista não admitto quebrados...

LUCIA

Minhas senhoras... assigno 70\$ em cada lista.

AS TRES (*com repentina alegria*)

Oh! Que bella acção... Com effeito...

D. PRUDENCIA

Permitta que a recompensemos desde já com beijos (*Atiram-se sobre Lucia e Amelia a beijos e abraços*).

MADAME JABORANDY (*com exaltação*)

Deus, o Onnipotente, *Deus ignotus*, sem duvida está contemplando esta scena!... Vale a pena... sinto-me commovida (*Enxuga os olhos*) Pobre Dr. Theopompo! Lá em cima... no paraizo de Dante... rodeado de abelhas *volligeantes* e carregadas de mellifluos succos, que alegria!... Cinco sobrinhas... e quatro sobrinhos! (*Para D. Prudencia e D. Francisca*) Vamos, minhas amigas... Aqui não ha mais nada a fazer... sigamos!... Antes de tudo, o dever... por mais arduo que seja... *Dulce est pro patria mori*...

D. PRUDENCIA

Continuemos na nossa romaria...

D. FRANCISCA

E D. Amelia não assigna?

MADAME JABORANDY E D. PRUDENCIA (*protestando*)

Ora... era demais... Não abusemos... Vamos! (*Beijam Lucia e Amelia e despedem-se gravemente. Na porta ligeira contestação, quem deva passar primeiro. D. Francisca empurra as outras*).

SCENA VI

(Lucia e Amelia)

LUCIA (*risonha*)

Que tres, hein? só no Rio de Janeiro é que se vê disto!... Custei por vezes conter-me... São engraçadas, não é?

AMELIA (*distrahida*)

E' verdade... mas, quando foi que John Smith pediu minha mão?

LUCIA

Creio que hoje de manhã.

AMELIA (*como de si para si*)

Dous mil contos!

LUCIA

E não é só isto!... Um cavalheiro perfeito... amigo de teu pai e da casa, ha tantos annos... Has de ser felicissima, eu te asseguro... E ando bem precisada de motivos de alegria... Vivo bem apprehensiva...

AMELIA (*com carinho*)

Mas de que? (*abraçando-a*) Mamãi nunca teve confiança em mim!

LUCIA

Ora, filha, aborrecimentos... Aliás negocios de teu pai... quebras de socios... Enfim, cousas da vida...

AMELIA (*novamente distrahida*)

Mas como poudes esse inglez arranjar tanto dinheiro assim?

LUCIA

Ordem e trabalho; eis o segredo. Ha 20 annos, já passava na Bahia por ter não pouco de seu... e era simples guarda-livros. Não ha fortuna que resista á desorganisação e indolencia... E não faltam exem-

plos... bem perto de nós, ouviste? Assim, pois, reflecte bem... Eu já volto... (*Lucia sae pela porta da direita*)

SCENA VII

(Amelia, só, sentada e folheando abstracta um album).

Dous mil contos!... Já é alguma cousa... Que fazer? Um titulo?... E' chic... Não; bastará uma simples corôa nos carros... tem mais graça... não é tão banal... E o Silveira?... Afinal... que tenho com elle? Com certeza, não o amo... Sim, amor não é isto... Quando muito sympathia... Amar-me-á elle? Será simplesmente, como os mais?... Ah! se eu pudesse sentir uma paixão... Se eu pudesse amar de veras e me sentir amada como entendo, como julgo ser digna! Qual! parece que nunca... nunca meu coração pulsará assim... John Smith... ou qualquer outro... Até agora todos quantos me desejam estão longe do meu ideal!... Oh! meu ideal... O mysterio... a distincção... um quê de superior a todos os mais homens do mundo... Qual! Sonhos, sonhos de cabecinha exaltada!... Sujeitemo-nos ás exigencias do que é pratico... Sejamos praticas... nós, tambem mulheres! E' preciso sel-o... Muito luxo na apparencia... e poucos meios no fundo... Eis a minha situação actual... Oh! bem a comprehendo... Ah! Se o Silveira tivesse sabido amar-me!... Mas, qual, muita palayra e... (*Silveira entra precipitadamente*).

SCENA VIII

(Amelia e Silveira)

AMELIA (*voltando-se com o barulho dos passos e levantando-se surpresa*)

Oh! primo Silveira...

SILVEIRA (*atirando-se ao seu encontro*)

Que felicidade encontral-a enfim sozinha... Ha quatro dias que cheguei da Bahia e ainda não tive uma ocasião de lhe falar em particular...

AMELIA (*risonha*)

Que terá de dizer-me tão mysterioso...

SILVEIRA (*com fogo*)

Que a amo... que a amo como louco...

AMELIA (*sempre risonha*)

Oh! como louco... isto é phrase de convenção...

SILVEIRA (*pressuroso*)

Tenha pena de mim, Amelia... Não me deixe...

AMELIA

Em todo o caso não o deixo de pé... Sente-se.

SILVEIRA

Sentemo-nos sim... Quero hoje falar-lhe com absoluta franqueza (*Sentam-se*) Preciso... preciso saber o destino que me aguarda (*aproxima a sua cadeira*)

da de Amelia) Você bem sabe o que me trouxe da Bahia... a impossibilidade de viver sem vel-a... Gra-cejei muito com o sentimento que você me inspirava...

AMELIA (*um tanto picada*)

Ah! gracejou?... Pois fez mal...

SILVEIRA

Você me dava o exemplo... Parecia não querer tomar-me ao sério... Enfim, hoje sei bem o que sinto e cumpre acabar com um estado de cousas que se tornou para mim insupportavel...

AMELIA (*risonha e duvidosa*)

Não haverá sua exageraçãosinha?

SILVEIRA (*com arrebatamento*)

Nenhuma, nenhuma! Eu lhe juro...

AMELIA

E que posso eu fazer?

SILVEIRA

Tudo... tudo!!! Conceda-me sua mão... Serei o homem mais feliz do universo...

AMELIA (*chasqueando*)

Então nesta mãosinha está para um ente a felicidade maior... não só do mundo, mas até do universo.

SILVEIRA (*impetuoso*)

Sim, sim... e não me atire nos abysmos do desespero com esse tom de mofa (*terno e insinuante*)

Concordo... não serei um partido brilhante... mas por mim tenho a fé, a confiança no futuro... Se eu conseguir o seu amor, hei de ainda ser alguma cousa...

AMELIA (*buscando interromper*)

Ora...

SILVEIRA (*continuando*)

Hei de abrir o meu caminho na sociedade... Não pertenco á raça dos inuteis... Sabe você quanto me custou alcançar o lugar que tenho na Faculdade de Medicina. Ganhei-o a poder de muito esforço... O meu competidor tudo tinha a seu favor... relações de familia, protectores poderosos, intelligencia, interinidade na cadeira... Emfim escolha quasi certa... Era necessario esmagal-o... e esmaguei-o. O meu concurso fez época... E o que me incitou vencer á ponta de espada tamanhas difficuldades? Só e só a sua lembrança; a crença de que a estava conquistando (*com exaltação*). E o que fiz uma vez, farei sempre. Que não tentarei para lhe dar felicidade, posição, fortuna? A' amada de tantos annos! A principio, nossa existencia commum será de lutas, mas depois... virão os triumphos... tenho plena certeza...

AMELIA (*um tanto commovida*)

Você fala com tamanha convicção...

SILVEIRA

Falo-lhe com o coração a transbordar de esperanças e sinceridade... Não creia, porem, que eu me illuda e deixe de considerar as cousas... Sei bem como

ellas são... Você está acostumada ao luxo... dar-lh'o-ei quanto possa... contando, ouviu bem? só commigo...

AMELIA (*sobresaltada*)

Estou ouvindo... mas não percebo bem...

SILVEIRA (*meio duvidoso*)

Não ha interesse possivel, pois a fortuna dos seus pais... (*parando e com outro tom*) E que importa a pobreza até? De que valem riquezas, quando a alma aspira por cousa mais elevada? E que maior thesouro do que a intensidade de uma paixão (*pressuroso*) como esta que me domina desde a infancia... Então que me responde você, Amelia? (*Tenta pegalhe na mão. Entra Lucia*).

SCENA IX

(Os precedentes, Lucia)

LUCIA (*amavelmente*)

Oh! o primo... Falava tão alto. (*Amelia e Silveira levantam-se*).

SILVEIRA (*rapido*)

Não é nenhum segredo o que eu dizia... Posso proclamar-o a todos.

LUCIA (*apressada*)

Já sei que janta hoje commosco... Será mais um convidado...

SILVEIRA

Espera gente?

LUCIA

Oh! só uma pessoa... que deve vir com meu marido... Ninguem de cerimonia... Justamente... eil-os... (*Ayres Peres e John Smith entram*).

SCENA X

(Os precedentes, Ayres Peres e John Smith)

AYRES PERES (*encaminhando-se para Silveira*)

Oh! boas tardes!... Tem passeio muito? Sem duvida o primo conhece o meu bom amigo, o Sr. John Smith?

SILVEIRA

Pois não... desde a Bahia...

JOHN SMITH (*cumprimentando Amelia e Lucia*)

Minhas senhoras... (*Voltando-se para Ayres Peres e Silveira*) E' verdade... conheci o doutor ainda estudante de preparatorios (*Aperta a mão de Silveira e conversa com elle e Ayres Peres*).

AMELIA (*puxando Lucia para a frente da scena, rapidamente e á meia voz*)

Então é certo? Estamos arruinados?

LUCIA (*no mesmo tom, contrariada*)
Quem te disse?

AMELIA

O Silveira deu-me a entender (*impaciente e com alguma energia*) Fale, mamãi, fale toda a verdade... Quero... preciso saber tudo. Estamos arruinados?

LUCIA (*com vacillação*)

Mais ou menos... estamos.

AYRES PERES (*levantando a voz*)

Pois, senhoras minhas, o Sr. John Smith vem-lhes pedir hospitalidade e um talher á mesa...

LUCIA (*voltando-se amavelmente*)

E' fineza que muito nos penhora.

JOHN SMITH

Oh! minha senhora...

AYRES PERES

Encontrei-o, ao sahir da Praça do Commercio... viemos juntos a conversar (*Rindo-se*) Mais do que nunca nos entendemos...

JOHN SMITH (*para Silveira*)

E que novidades nos trouxe da Bahia, Sr. doutor? (*Conversa com Silveira, enquanto Amelia se aproxima da mesa e como que buscando distrahidamente uns papeis, mostra-se muito preocupada*).

AYRES PERES (*á frente da scena com Lucia; a meia voz*)

Falei-lhe... Aceita... está louco de alegria...

LUCIA (*no mesmo tom*)

O inglez é fino.

AYRES PERES

E Amelia, o que diz? Declarei que não sabia de suas intenções...

LUCIA

Consulte-a já e já... Hoje mesmo, agora, deve ficar tudo decidido. (*Em voz alta para Amelia, que estremece*) Já mostraste a teu pai o bordado que fizeste?

AYRES PERES

Deixa ver (*Approxima-se, de Amelia, enquanto Lucia vai para o grupo de John Smith e Silveira*).

AMELIA (*confusa e a meia voz*)

Meu pai...

AYRES PERES (*no mesmo tom*)

Já reflectiste, não é verdade?... John Smith quer, sem demora, resposta decisiva.

AMELIA (*com alguma perturbação*)

Hoje... mesmo?

AYRES PERES (*risonho e sempre á meia voz*)

Ah! bem sabes, é inglez... e *time is money*... Demais elle te ama ha muito tempo...

AMELIA (*vacillando*)

Devéras?

AYRES PERES

Eu te contarei... Estas cousas de casamento, filha, quanto mais depressa... melhor... Então, que dizes?

AMELIA (*empallidecendo*)

Que digo? (*com subita resolução*) Pois bem, a-ceito...

AYRES PERES (*levantando um pouco a voz*)

E's um anjo!... Has de ser felicissima, ouviste? sim... Tens todo o direito. (*Alto e voltando-se para Lucia, John Smith e Silveira, que conversam á parte em grupo*) Então, o nosso Silveira não lhes contou alguma novidade da Bahia?

LUCIA (*voltando-se*)

Nenhuma...

AYRES PERES

Pois por cá, pela Côrte, não estamos tão baldos assim... Olhem... sei de uma... (*Todos se chegam*) E' esplendida e fresquinha...

LUCIA (*risonha*)

Qual é? Alguma historia de guerra na Europa? O preço do café... o cambio?

AYRES PERES

Qual... Nada disto...

LUCIA

Então venha a tal novidade. Não a faça valer tanto.

AYRES PERES (*gracejando*)

Faço... faço, sim. E' inesperada e vale a pena... Causará surpresa a muita gente.

LUCIA

E de que natureza? Boa ou má? (*Amelia deixa-se cahir no sofá. Está pallida, mas risonha*).

AYRES PERES

Para alguns a surpresa será... assim... assim. Para você, Lucia, é quanto possível grata e bem vinda...

AMELIA (*á parte*)

Coitado do Silveira!

SILVEIRA (*adiantando-se para Lucia*)

Se lhe deve ser tão agradável, prima... a mim não póde desagradar...

JOHN SMITH (*um tanto grave*)

Não se apresse tanto, doutor.

LUCIA (*fingindo curiosidade*)

Mas afinal... venha a tal noticia... E' maldade deixar a gente morrer a fogo lento... de impaciencia.

AYRES PERES (*com alguma solennidade*)

Pois lá vai... e não exijo que guardem segredo... Amelia, nossa querida filha, foi-nos pedida em casamento.

SILVEIRA (*adiantando-se rapido e muito pallido*)

Ah! E por quem?

AYRES PERES

Pelo Sr. John Ollivan Smith (*depois de breve pausa*) e o seu pedido por todos nós foi aceito com alegria e orgulho. (*Silveira recua e encosta-se a um consolo. Silencio geral*).

UM CRIADO (*abrindo a porta da direita*)

O jantar está na mesa. (*Cae o panno*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

(Sala de palestra, mobiliada com muito luxo e gosto, em casa de John Smith. É noite).

SCENA I

(Amelia, de pé e em attitude de quem reflecte).

(Mariúna, arranjando varios objectos em cima de uma mesa).

MARIÚNA (*meigamente*)

Nênê, tem hoje alguma cousa?

AMELIA (*com ligeiro sobresalto*)

Não... não tenho nada.

MARIÚNA

Mas porque anda tão triste... estas semanas para cá? Eu vi bem... oh! ninguem me engana... Hontem então voltou para a casa... muito aborrecida, muito!

AMELIA (*sentando-se com ar de enfado*)

Deixe-me, ama... Ligeira dôr de cabeça... não é nada...

MARIÚNA (*chegando-se a Amelia com ternura*)

Tendo algum motivo de desgosto... olhe, conte com a sua velha escrava, ouviu?... Para tudo!...

AMELIA (*sorrindo*)

Ah! com certeza... Bem conheço quanto você me estima.

MARIÚNA (*accentuadamente*)

Não... isto não... Nênê não conhece, isto lhe digo, não conhece... nem talvez conheça nunca... o que tenho cá dentro. (*Comprime o peito*) Ninguem imagina... ninguem!

AMELIA (*levantando-se, novamente distrahida*)

Bem... deixe-me só... Daqui a pouco começa a chegar gente...

(*Mariúna ao sahir volta-se para observar Amelia*)

SCENA II

(Amelia, só e passeando de um lado para outro vagarosamente).

Que audacia! Estou pasma!... Nem sei o que faça... Oh! este homem merece uma lição... Hei de dar-lh'a... Fica a meu cuidado... Ao despedir-se de mim... diante de todos, insinua-me na mão... um bilhetinho... (*Com outro tom*) Mas então não ha senhora na nossa sociedade que mereça algum respeito? (*Tira do bolso um papelzinho*) E como é vulgar este meio! Dizem, aliás, que elle tem tanto espirito! Mal

o conheço... (*Lendo como que distrahida*) « Por infelicidade sua e minha, não posso mais resistir á paixão que a senhora me inspira. » (*Subitamente agitada*) Mas que devo fazer? Mostrar isto a meu marido? O meu John tão nobre... tão digno... Que levou este ente a vir assim perturbar-me na paz da minha dignidade e ventura? Em que conta me tem? Sem duvida, na de quantas deshonestas por ahi encontra! (*Alta*) Pois verá que commigo se engana. (*Noutro tom*) Preciso porem ter calma e sangue frio... Ha um mez, que me persegue com os seus olhares penetrantes... Ha um mez, que me envolve numa rêde de mysteriosas relações... Será real que me ame? E que medo me infunde a agitação que ás vezes sinto... o receio de responder áquelles olhares!... E John e todos não me falam senão nelle... Elle... elle por toda a parte!... o modelo... o typo por excellencia... Tão franzino, comtudo... tem de certo distincção... pratica do mundo e ousadia (*Deixando cahir o bilhete*) oh! lá isso tem!... Mas que me importa que me ame? Outros... tambem por mim sentiram amor... O essencial é que eu me conserve illesa... (*Com resolução*) por isto respondo eu... Emfim... rompamos o tal bilhete... Não sei o que tenho (*Procura o bilhete no bolso*) Onde está? (*Procura em cima da mesa*) Mas, meu Deus, onde puz esse maldito papel? (*Torna a procurar com precipitação*) Oh! isto é horrivel... se o perdi! Que fazer? (*Dá com o bilhete no chão e sorri*) Ah! tinha-o deixado cahir (*levando a mão ao peito*) Como me bate o coração!... Por tão pouco! (*Apanha o bilhete*

e rasga-o em pedacinhos) Bom... agora (*Assopra*) foi-se tudo!... E, Sr. Dr. Jorge de Castro, espere pela lição, ouviu? (*Parando*) Mas que perfume acre (*Esfrega os dedos no lenço com ar de enjôo*) Custa tanto a sahir!... (*Batem ligeiramente á porta do fundo*)

AMELIA

Quem é?

VOZ DE FÓRA

A senhora do Sr. conselheiro Simplicio Nunes...

AMELIA (*alegremente*)

Julia! (*Levantando a voz*) Mande entrar. (*Abre-se a porta, entra Julia*).

SCENA III

(Amelia e Julia).

JULIA (*abraçando Amelia e tirando o chapéu*)

Cheguei cedo de mais... Como sempre, a culpa foi do senhor meu marido...

AMELIA (*pegando-lhe na mão*)

Qual cedo! Nada, minha Julia, como uma boa palestra, antes de reuniões banaes... Você faz então cerimonias?... Commigo, sua velha amiga da Bahia?

JULIA

Sempre boa, Amelia!... A fortuna não a mudou em nada.

AMELIA

Olhe, sentemo-nos. (*Sentam-se*)

JULIA (*percorrendo com os olhos a sala*)

Como é bonito, como é *chic*, tudo quanto está aqui! Ah! Você é bem feliz...

AMELIA (*risonha*)

Com effeito, não me queixo... Fôra ingratição... Creio, porem, que você, do seu lado, não póde maldizer da sorte... Posição... marido illustrado...

JULIA (*indecisa*)

De certo... mas você nem imagina, quanto o conselheiro é distraído... cousa por demais... Aliás, os meios não são muitos; não dão para luxos... Enfim contanto que elle vença as eleições e me traga da Bahia todos os annos para as sessões da Camara, dou-me por satisfeita. (*Com volubildade*) Aqui o principal não me falta... liberdade...

AMELIA (*risonha*)

Mas você não abusa...

JULIA (*precipitada*)

Que idéa! (*Com ar ingenuo*) E como é que nós, senhoras, podemos abusar da liberdade que nos concedem?...

AMELIA

Eu sei lá... estava gracejando.

JULIA

Não, que dizem horrores deste Rio de Janeiro...

Terra assim de falatorios... nunca se viu... Quando é para bem, vá lá... Por exemplo, por toda a parte não se conversa, senão no seu ultimo baile... Deveras esteve esplendido... Que gosto em tudo, que serviço, que bella musica! O marido que você tem, Amelia, é um ente excepcional.

AMELIA (*com effusão*)

Adora-me, eis a verdade. E é o melhor dos homens, o mais nobre, o mais generoso... Todavia punge-nos um desgosto...

JULIA (*atalhando*)

Ah! todos sabem... Casados ha cinco annos, ainda não tiveram filhos... Isto é desgosto de ricos. O mesmo não me acontece. Levo a pregar ao conselheiro, que não é *pschutt* grande familia... muitos filhos... qual!... Já estou com cinco...

AMELIA (*prosequindo no que dizia*)

Quanto estimo o meu John! Como me acho elevada no conceito proprio, apoiada ao braço de semelhante homem! Nada lhe falta! Nada! Só tem um defeito, é a exagerada confiança nos outros. Vê tudo tão côr de rosa!... Nem crê na maldade dos homens... e das mulheres... Que alma bondosa e pura!

JULIA (*achegando-se a Amelia*)

Então você ama devéras a seu marido?

AMELIA

Amo-o, como uma senhora deve amar a seu esposo... E' um affecto profundo, calmo, honesto... diver-

so, de certo, dessas grandes paixões que aliás existirão sempre, mas que são filhas da educação e de organizações especiaes, nervosas e doentias. Dahi os arrebatamentos, que não recuam diante de cousa alguma... até do crime... e da infamia... Uma mulher bem equilibrada e cercada de tudo quanto possa satisfazer-lhe os instinctos nobres e sinceros, está para todo o sempre livre daquellas enfermidades moraes. (*Gesto de Julia*) Sim, legitimas enfermidades...

JULIA (*com algum constrangimento*)

Não fale assim, Amelia; sou supersticiosa...

AMELIA (*altiva*)

Qual, minha amiga! Isso tudo é scientifico. Com a minha experiencia, minha indole, os meus antecedentes, riqueza e — em segredo a você digo — com o meu orgulho, affianço-lhe uma cousa: Para Amelia Smith, só ha um homem no mundo que lhe mereça tudo — seu marido.

JULIA (*pressurosa*)

Não duvido. Sempre conheci você tão ajuizada, tão superior ás outras. E tanta nomeada a cerca... Não se fala senão em vocês dous... Que baile! O que havia de melhor no Rio de Janeiro, cá esteve... O Jorge de Castro chegou a elogial-o... Você não o conhece?

AMELIA (*indifferente*)

De vista... Muito pouco...

JULIA (*com volubilidade*)

Com que tom você diz isto. Pois olhe; o tal Jorge de Castro *faz furor*... até entre os homens... Consta que é irresistivel... A convite do conselheiro, tirou-me para dansar uma quadrilha, e... e...

AMELIA

E o que, Julia?

JULIA

Francamente tive meu medo...

AMELIA (*sorrindo*)

Ora, minha amiga, medo de que? E' algum lobishomem?

JULIA

Não, de certo; é até muito bem parecido... Mas não sei... contam tanta cousa delle... Meu proprio marido, tão serio como é, declarou que se fosse mulher, não lhe resistiria...

AMELIA

Oh! oh! lá isto não...

JULIA

Em todo o caso, elle nada me disse...

AMELIA (*risonha*)

E se te dissesse?

JULIA (*levianamente*)

Eu sei lá... Estava tão perturbada; mal entendia o que me perguntava... Tem voz tão suave... assim uma

musica ao longe... Foi ás Indias... sabe tudo... Sentia-me tonta, tanto mais que a Amarante não tirava os olhos de nós... Todos o chamavam, o queriam... O meu marido... o teu...

AMELIA (*com algum despeito*)
Tambem John?

JULIA

Ora, se é a coqueluche de todos!... Tudo quanto diz circula nas salas... Chamou a Quiteria Salles de sabiá de chinó (*Rindo-se*) E não é tal qual? Aquelles olhos esbugalhados, nariz muito pontudo...

AMELIA (*sorrindo*)
Com effeito... mas é pouco distincto... Francamente, estou quasi antipathisando com essa phenix de salão...

JULIA (*com volubilidade*)
Pois será uma excepção... Quem, conversa com elle, por poucos minutos que seja, conhece logo quanto vale... Meu marido pede-lhe conselhos, consulta-o, obriga-o a ir á Camara ouvir os seus discursos... Ora, cá entre nós, o conselheiro na tribuna é muito secante... Fala muito baixo e em cousas estapafurdias e soporíferas... gados de Minas, sapatos do Rio Grande, eu sei lá!... Umas massadas temiveis... E depois não é repentista... Eu que o diga... Leva a preparar-se uns poucos de dias em casa.

AMELIA (*distrahida*)

Deveras? (*Como que cahindo em si*) Vejo que o tal Dr. Jorge está fazendo escola... Que boas rabeçadas!

JULIA

E a proposito, repararam uma cousa no seu baile...

AMELIA

Ah! então sempre houve motivo de censura?...

JULIA

Censura... não; reparo. Foi a ausencia de Arminda Soares... tão grande amiga sua... sempre juntas...

AMELIA (*um tanto severa*)

E' verdade; mas tambem que fazer? Estou que nem você, nem ninguem, ignora quanta imprudencia... a pobre da Arminda tem ultimamente praticado...

JULIA

Parece que deu muito que falar em Petropolis, com um tal addido de legação... Aliás ha bastante tempo que lhe cortam na pelle.

AMELIA (*surpreza*)

Sim?... Juro que tudo ignorava.

JULIA

Pois não... Contam que se atirou como uma louquinha ao Jorge de Castro (*movimento de Amelia*) quando este chegou... E' o que contam, nada affirmo.

(*Com certo acanhamento*) Mas também o mundo é tão mau... Quem está livre? Depois, em Petropolis falam a valer das pobres senhoras. (*Com repentina volubilidade*) Tenho um medo que me pélo do tal Petropolis... Agora confesso que dava uns bons annos de vida para ir lá passar um verão... Dizem que é cousa impagavel! Muito apimentada. Mas, com certeza ha exaggeração... muita, não é verdade? Acho até impossivel que a Arminda...

AMELIA

Sim?... Infelizmente parece que perdeu o juizo... As taes paixões!... Pois eu a fazia simplesmente galhofeira... Engraçada, ella é... e muito... mas se ultrapassa certos limites... Emfim, até meu marido viu cousas...

JULIA (*interrompendo*)

Nós outras, minha amiga, devemos dar sempre desconto a boatos. Quanto a mim não falo de ninguém. Só peço, que não se occupem commigo. (*Com curiosidade*) Então seu marido notou?

AMELIA

Extravagancias indesculpaveis... Arminda faz alarde da sua paixão... Mascarou-se e no baile deu-se a conhecer, pendurada ao braço do tal rapaz... Uma lastima! E tem um esposo nobre e digno... confiante demais... Quando elle acordar, presenciaremos alguma estralada... Eu gostava muito das graças e espirito de Arminda, mas fechei-lhe a cara e fecho-lhe agora os meus salões... Do contrario ficariam um prolonga-

mento da cascatinha de Itamaraty... Se nós, senhoras que ainda merecemos respeito e apreço, não dermos qualquer signal de reprovação a taes desmandos, está tudo perdido...

JULIA

Mas a violencia do sentimento, Amelia?

AMELIA (*ativa*)

Qual violencia, lute... vença...

JULIA

Feliz de quem, como você, pode falar assim, com tamanha segurança... Inspirar grandes paixões e não as sentir... Sabe? Antes de embarcarmos para cá, estive com uma das suas victimas... o Silveira... Não deu para nada... Tão bonito talento...

AMELIA (*com certo orgulho*)

Eu bem previa... O genio delle era fogo de palha...

JULIA

Quem sabe, se a sua recusa não lhe cortou a carreira?

AMELIA

Qual, minha cara! (*Triste*) Talvez... Dahi a culpa foi toda delle... soubesse inspirar sentimento invencivel, que suffocasse o imperio da minha razão... A razão... sobretudo para a senhora casada... eis a grande força...

JULIA

Mas diga-me; é sempre possível que ella nos socorra e salve? Quanto a mim, acho que os homens são os culpados... Fizeram-nos, a nós pobres mulheres, tal fama de leviandade, que, chegada a occasião, a gente diz: Ora, tinha de acontecer!

AMELIA (*sorrindo*)

Nada, nada, minha Julia, esta theoria é perigosa, mais perigosa, do que a das paixões explosivas, a eterna e grande desculpa. Paixões explosivas! Dúvido. Se reflectissem todas um pouco, quanto é commodo ser honesta, não se atiravam aos azares de sentimentos violentos, que nos trazem mil perturbações, alarmas sem fim, embates medonhos, para afinal terminarem, como todas sabem, por decepções amargas, lagrimas crueis... quando não terriveis tragedias...

JULIA

Você está me impressionando...

AMELIA

Cumpre olhar de frente o perigo... Matar logo ao nascer o inimigo... do nosso descanso... da nossa reputação e felicidade. O inimigo está em nós mesmas... Hesite a mulher honesta no que tem que fazer... em vespas de qualquer crise dessas; hesite e considere-se perdida...

JULIA

Mas quantas deixam de hesitar? Aliás você leva tudo para o sombrio...

AMELIA

Ah! os começos são sempre risonhos... Flôres por toda a parte, exactamente como na estrada do inferno...

JULIA

Demais... não julgue as outras, todas as outras, no seu caso... que é muito excepcional...

AMELIA

E porque não?

JULIA

Por mil razões! Que lhe falta neste mundo?... Que pode você mais desejar? Quantas mulheres não têm que supportar maridos brutos, ignorantes, ou então descuidosos, ridiculos e banaes? E os commodistas? E os jogadores? E os cynicos? E os ciumentos fóra de proposito? E os taes distrahidos? (*com explosão*) Se você soubesse as raivas que me mette o conselheiro! (*continuando no tom anterior*) Ha um sem numero de especies de maridos, cuja antithese com o amante dá a este prestigio irresistivel... E depois as culpas todas cahem sobre nós mulheres!...

AMELIA (*risonha e com uma ponta de ironia, levantando-se*)

Você está ficando demasiado condescendente...

JULIA (*levantando-se tambem*)

Procuo ser justa... O que quero... e o que a sociedade deve querer, é que se salvem as apparencias.

AMELIA (*séria*)

Isto só, não... Guarde-se a honra que nos foi confiada.

(*Batem á porta*)

UMA VOZ DE FÓRA

Pode-se entrar?

AMELIA

E' John... Pode, pode... Como não?

(*John Smith entra*)

SCENA IV

(*As mesmas, John Smith.*)

JOHN SMITH

As duas sós? (*Para Julia*) E o conselheiro?

JULIA

Deve vir... precedi-o... Não pode tardar...

JOHN SMITH (*para Amelia*)

São quasi oito horas... Creio que hoje teremos pouca gente.

AMELIA

Ah! reuniões para conversar... agradam pouco no Rio de Janeiro... Prefere-se em geral dansar...

JULIA (*para John Smith*)

Foi á Camara? Houve alguma novidade?

JOHN SMITH

Fui... nada importante... Lá estive com o conselheiro... e o Jorge de Castro, muito rodeado, como sempre... Convidei-o para vir cá hoje...

AMELIA (*contrariada*)

Foi elle quem pediu? Mostrou desejos?...

JOHN SMITH

Pelo contrario... pareceu-me esquivo, não sei por que. Instei... até que tivesse certeza...

AMELIA (*com desagrado*)

Você devia ter falado commigo...

JOHN SMITH

Porque? Se estou estranhando o seu retrahimento... Um conhecido velho. Sempre o apreciei muito. Quando começava a advogar, dei-lhe uma causa importante, que tratou muito bem, conquistando nome no fôro... Tivesse mais constancia como advogado, e estaria muito rico... Prefere viajar... não sei... o que...

JULIA

Todos lhe tecem immensos elogios...

JOHN SMITH

E os merece... Não é hoje tudo no Brasil, porque não quiz.

AMELIA (*um tanto impaciente*)

Pois, quanto a mim implico com esses prodigios...

JOHN SMITH (*risonho*)

Oh! minha cara, por espirito de contradicção... E' uma injustiça... Conheça-o mais de perto... e verá quanto se engana...

AMELIA

Não sei, mas acredito que não é leal... Leviano talvez...

JOHN SMITH

Jorge de Castro... leviano? Pelo contrario, tudo quanto faz é muito meditado... Se assim foi, quando moço... quanto mais agora...

JULIA (*curiosa*)

Que idade terá?...

JOHN SMITH

Ao certo, não sei bem... 38, 40 annos... E que experiencia! Todos o consultam, todos o ouvem... Tudo quanto diz e faz é tão sensato... Sempre original nas idéas... sempre... Quando sustenta paradoxos... não ha quem não fique convencido... Talento enorme...

UM CRIADO (*da porta*)

Os Srs. conselheiro Nunes, doutores Ramos, Pedro de Siqueira e Moreira Alves.

AMELIA

Nós duas nos safamos por uns momentos, ouviu, John?

JOHN SMITH

Como queiram... mas não se demorem. (*Para o criado*) Faça entrar estes senhores.

(*Amelia e Julia saem pela porta da direita*)

SCENA V

(John Smith, o Conselheiro Nunes, Dr. Ramos, Siqueira, Jacintho e Moreira Alves, os tres ultimos de casaca e gravata branca, aquelles dous de sobrecasaca e gravata preta).

JOHN SMITH (*indo ao encontro de todos*)

Felizmente chegaram... Pensei que hoje não apparecesse ninguém...

CONSELHEIRO NUNES

Estive corrigindo o meu ultimo discurso, por signal que ajudado pelo Dr. Siqueira... optimo collaborador!...

JACINTHO (*galhofoeiro*)

E' a sua especialidade.

SIQUEIRA (*voltando-se meio inquieto para Jacintho e depois para o conselheiro*)

Tem-me V. Ex. sempre ás suas ordens...

JOHN SMITH

Sentem-se, meus senhores... As senhoras não podem tardar...

(*Sentam-se todos em diversas attitudes*)

CONSELHEIRO NUNES (*para John Smith*)

Recommendo-lhe, meu caro amigo, a leitura desse meu discurso... E' irresponsível... O Ferreira Vianna cumprimentou-me com fervor: Você é um jequitibá em achas, disse-me com a habitual originalidade. Esmaguei o Gil... Esmaguei-o de uma vez... (*Conversa a meia voz com John Smith*)

JACINTHO (*para Siqueira*)

Começa o surrador... Você está folgando, hein, Sr. bregeiro?...

MOREIRA ALVES (*para Jacintho e Siqueira*)

Não vejo D. Julia. Disse-nos elle, que já estava aqui.

JACINTHO

Perguntemos ao Siqueira.

SIQUEIRA (*com olhares inquietos*)

Meus amigos, nada de gracejos inconvenientes...

CONSELHEIRO NUNES (*levantando a voz*)

O Dr. Jorge de Castro applaudiu deveras aquelle meu sorites...

JOHN SMITH (*para os outros*)

Não o viram, nosso Jorge?

DR. RAMOS

Falei-lhe ha pouco... não deve demorar-se...

JACINTHO

Eis um ente feliz... Todos o querem... Todos o procuram... Sem posição official, talvez seja o unico

no Brasil, que mereça importancia... Cá, entre nós, e sobretudo aqui na Côte, uma cousa não vai sem outra...

DR. RAMOS

Isto é bem verdade... Haja o talento que houver, serviços gloriosos, aptidões, livros applaudidos na litteratura e sciencia, triumphos nas artes... tudo isto sem um titulo, sem uma cadeira na camara ou no senado, sem uma pasta de ministro... oh! uma pasta!... de pouco vale... Quando menos, é preciso ter uma commenda... uma placa...

MOREIRA ALVES

Ou um sorriso do monarcha...

JACINTHO

Ou abraços do presidente do conselho... Não é verdade, sr. conselheiro?...

CONSELHEIRO NUNES (*endireitando os olhos*)

De certo, meus senhores, e assim deve ser... O que é posição official, senão prova de merecimento? Chegue um estrangeiro ao paiz... Que idéa tem obrigação restricta de formar dos ministros, senadores e deputados? Mui naturalmente, que são os homens mais notaveis do imperio... mais illustrados e dignos... sobretudo sabendo que no Brasil não ha castas...

SIQUEIRA

Apoiado, Excellentissimo, lá isto não ha.

CONSELHEIRO NUNES

Pois então? Sem morgadios, favoritismos e excepções, cada qual é o que vale externamente.

DR. RAMOS

Ou deve ser... Tanto mais, que este é o meio de impedir trabalhos e canseiras ao espirito dos outros... Vamos aceitando aquillo que nos fôr dizendo a opinião official... Outros pensem e julguem por nós... E' commodo... muito commodo...

JACINTHO

Sobretudo para os brasileiros, sempre estrangeiros e hospedes nas cousas mais importantes da sua terra...

CONSELHEIRO NUNES (*continuando*)

Quanto áquelles que chegam a ser ministros, é por que preenchem certas e determinadas condições exigidas pela politica...

JACINTHO

Apoiado, ordinariamente os accomodados da camara... os que não têm compromissos de idéas...

DR. RAMOS

Os que não discutem senão cousas mornas, ou nunca discutem... nem falam... Os que não causam inveja aos outros, dando-lhes o direito, aliás justo, de achal-os, embora guindados em tal posição, ineptos, ignorantes e apatetados... A corôa os cobre...

CONSELHEIRO NUNES

Exactamente... Quando subi ao poder...

JACINTHO

Não nos esqueçamos que hoje uma das condições indispensaveis ao deputado para ser ministro, é contar com a reeleição mais ou menos segura no districto... Todo o deputado que tiver juizo, não quer ser ministro...

JOHN SMITH

Lá isto não sei... Notei sempre que a vaidade é poderoso movel no brasileiro...

CONSELHEIRO NUNES (*tomando uma pitada*)

Deixem-me contar, senhores, o que me disse sua majestade a este respeito... O marquez de Olinda estava no poder... em 1863... e morava á rua do Lavradio...

SIQUEIRA (*interrompendo-o*)

V. Ex. ante-hontem nos contou isto...

CONSELHEIRO NUNES (*voltando-se para Siqueira*)

Perfeitamente, mas estou sempre prompto para repetir... São apontamentos que a historia deve recolher... Isto mesmo me disse o Dr. Jorge de Castro.

MOREIRA ALVES

Eis um homem, o Dr. Jorge, que poderia já ter sido ministro com proveito para o paiz...

JOHN SMITH

E', com effeito, pessoa de optimo conselho.

JACINTHO

Quando deputado, escreveu um romance bem notavel... O seu drama tambem fez época.

CONSELHEIRO NUNES (*com vivacidade*)

Tá, tá, tá! Não queira o amigo falar mal do nosso Jorge. Literatices em homens politicos! O Octaviano e o Alencar quizeram pôr isto em moda... mas felizmente não pegou... Nem podia pegar... Uma cousa é tratar de cousas sérias, muito sérias...

JACINTHO

Na verdade, eleições de Cabrobó e Chique-Chique...

CONSELHEIRO NUNES (*um tanto picado*)

E porque não? São direitos importantissimos do povo... Não viu a questão que agitei hontem na camara? Falei cinco horas seguidas... Aquella irregularidade nas actas da eleição de Santo Estanislau das Dôres de Nossa Senhora de Bocóbyra, é insanavel... perfeitamente insanavel!... O Anisio ficou convencido... Um escandalo!...

JOHN SMITH

Pois, meu caro conselheiro, na Inglaterra, os homens de estado são literatos...

CONSELHEIRO NUNES

Estas imitações nos perdem, meu bom amigo. Ou então não temos cabeça para tanto. Eu não gosto do estrangeirismo. Isto mesmo, disse ha dias a Sua Magestade o Imperador... Citemos a Inglaterra, estou de accordo... mas como effeito oratorio... E' meu modo de pensar... Mas, como eu dizia, naquella eleição...

SIQUEIRA

Ahi vêm as senhoras.

(*Amelia e Julia entram*)

SCENA VI

(Os precedentes, Amelia e Julia. Levantam-se todos rapidamente e cumprimentam).

CONSELHEIRO NUNES (*para Amelia*)

Minha senhora! (*Aperta-lhe a mão*)

AMELIA

Falava com fogo, Sr. conselheiro, tanta animação!...

CONSELHEIRO NUNES

Ora, Excellentissima, um caso extraordinario... Na parochia de Santo Estanislau das Dôres de Nossa Senhora de Bocóbyra...

JULIA (*interrompendo*)

Simplicio... são questões...

CONSELHEIRO NUNES

Já sei, Jujú, cousas sérias de mais... A sociedade pouco aprecia a gravidade... mas a Excellentissima desejava informar-se... (*com vivacidade*) Esteja descansada, minha senhora, daqui a pouco lhe contarei tudo, em tête à tête... E' bem interessante... V. Ex. julgará...

(*Sentam-se todos, menos John Smith*)

CONSELHEIRO NUNES (*continuando*)

Aqui na Côrte ha muita irreflexão... Isto mesmo dizia eu, ha pouco, ao meu particular amigo o Dr. Siqueira (*voltando-se para Siqueira*) Não é factó, meu caro senhor?

SIQUEIRA

Perfeitamente... e em tudo concordei...

JACINTHO

E' bom estarem sempre de accordo...

CONSELHEIRO NUNES

Não é por falar mal das senhoras... mas, a nós politicos, ellas nos fazem perder muito tempo.

JULIA (*um tanto aborrecida*)

Simplicio!

CONSELHEIRO NUNES (*continuando*)

Não ha censura directa a você, Jujú. O mal é geral... São bailes, concertos, partidas, jantares... Por exemplo não tive ainda tempo de examinar as authenticas de Curubatinga... Se dei conta das de Capichaba do Monte-maior, foi por amabilidade do Dr. Siqueira...

SIQUEIRA (*apressado*)

Ora, Sr. conselheiro...

JACINTHO (*um tanto motejador*)

Sem duvida acompanhou sua senhora?...

CONSELHEIRO NUNES

Exactamente... acertou... Levou-a ao...

UM CRIADO (*annunciando*)

O Sr. Dr. Jorge de Castro.

(*Movimentos diversos*)

JOHN SMITH (*voltando-se para a porta do fundo e caminhando para lá*)

Entre... entre sem cerimonia.

(*Jorge entra*)

SCENA VII

(Os precedentes e Jorge. Jorge elegantemente vestido, mas sem exageração. Adianta-se para Amelia e comprimenta-a, sem estender a mão. Aperta a mão de Julia e dos homens).

JOHN SMITH

Cheguei a receiar que não viesse, Dr. Jorge. Estou-o achando tão esquivo em frequentar esta casa...

JORGE (*puxando uma cadeira. Os outros sentam-se em grupos. Julia conversa baixo com Amelia*)

Esquivança, Sr. commendador? Talvez... Preciso partir para a Europa e não quero mais razões de demora e apego aqui no Rio... E sabe que estive quasi tomando passagem no vapor francez de amanhã?

JOHN SMITH

Fôra pouco amavel da sua parte.

JORGE

Acho que faço mal, ficando no Brasil.

AMELIA (*interrompendo o que dizia baixo a Julia*)

Naturalmente sua saude... franzina.

JORGE (*voltando-se para Amelia*)

Em parte isto, minha senhora... Sou muito egoista... e busco fugir de tudo quanto me abala demasiadamente... me faz mal... A minha irresolução desta vez tem sido mais forte do que todos os meus calculos e...

JULIA

Em todo o caso, o Sr. Dr. não parte felizmente amanhã...

JORGE

Não partirei... do que talvez me arrependa... mas agora... deixo-me ficar...

CONSELHEIRO NUNES

Espere pela discussão das eleições de Batuxunguy.

JORGE DE CASTRO

Talvez não possa esperar... O que sinto é perder o discurso de V. Ex.

CONSELHEIRO NUNES (*desvanecido*)

Oh! meu amigo!... E a proposito, amanhã tenho que subir á tribuna... Sr. Dr. Siqueira, acompanhe minha mulher, ouviu?

SIQUEIRA (*pressuroso*)

Com todo o gosto...

JULIA (*acanhada*)

Simplicio... não sei se devo...

SIQUEIRA

V. Ex. não confia em mim?

JACINTHO (*com ar grave*)

Eu respondo por elle, minha senhora.

CONSELHEIRO NUNES (*sentencioso*)

Basta que eu confie... Conheço o Dr. Siqueira desde menino... Fui muito amigo de seu pai... muito. Em 1869...

JOHN SMITH (*que estivera conversando com Julia, Jorge e os outros, menos Amelia*)

O Sr. tem idéas...

JORGE (*aproxima-se de Amelia e toma junto della com naturalidade uma cadeira, quasi á meia voz*)

E o que diz V. Ex. dos meus planos? Não me acha razão?

AMELIA (*com ligeiro estremecimento, mas altiva*)

Não pensei nelles. Será de obrigação estarem todos occupados com o que o doutor pretende fazer ou não?

JORGE (*alto e abaixando progressivamente a voz*)

O que digo a V. Ex. com toda a convicção (*já á meia voz*) é que ambos havemos de ser bem infelizes... Busco resistir á fatalidade, e não posso!... Ambos...

(*Ouve-se o murmurio da conversação dos diversos grupos*)

CONSELHEIRO NUNES

Logo que o primeiro juiz de paz não assiste...
(*continua a falar para Julia e Siqueira que não lhe prestam atenção*)

AMELIA (*desdenhosa*)

Não consinto, que me associem a ninguem mais que a meu marido.

JOHN SMITH (*do grupo em que está*)

Mas, Dr. Jorge, não nos dirá afinal o Sr. por que razão não se fixa aqui no Brasil?... Nunca seguiu carreira... deixou tudo... amigos, futuro... posição... vive como um passaro... sempre no ar...

JORGE (*voltando-se para John Smith amavelmente*)

Ah! meu bom amigo, eis o que se chama flagrante delicto de curiosidade... Deixe isto para os que nada têm em que pensar...

JOHN SMITH

Acho que o Brasil precisa de homens da sua esphera... E' minha opinião sincera e de muita gente autorizada.

JORGE

Pelo amor de Deus... não me acabrunhe... Se o Brasil sente a minha falta... está mal parado...

DR. RAMOS

Todos lhe fazem justiça.

JACINTHO

Aquelle seu drama...

CONSELHEIRO NUNES

Qual! Esse é o lado fraco... Mas deveras quem pronunciou aquelle discurso sobre incompatibilidades... Não que eu applauda as idéas... mas ha muito que aproveitar-se ali.

JORGE

Estão me pondo a perder com estes elogios...

JACINTHO

Mais que merecidos.

JORGE

Não me obriguem a fazer novo drama. (*Para Amelia, rapido*) E dahi quem sabe?

CONSELHEIRO NUNES

Ainda ha dias, reli discursos seus...

JORGE (*para o conselheiro*)

Não me faça voltar á camara...

JOHN SMITH

Mas, senhores, com tudo isto nada se adianta... Estamos aqui constituídos em tribunal... e tribunal severo... Precisamos decidir, se foram justas ou não as razões que demoveram o Sr. Dr. de proseguir as brilhantes carreiras, que tinha abertas diante de si...

TODOS (*menos Amelia*)

Apoiado! Apoiado!

JULIA (*com alguma timidez*)

Talvez alguma paixão...

JORGE (*rapido*)

Nada, minha senhora, juro-lhe que não... E já que me forçam a uma confissão publica, fal-a-ei com inteira lealdade... tanto mais quanto não redundo em elogio proprio... Foi o egoismo... sim, o mais profundo egoismo, que me levou a tomar o systema de vida, que os meus melhores amigos devem tratar de desculpar...

JULIA

Qual o homem que não é mais ou menos egoista?

JORGE

Agradeço a attenuante... mas V. Ex. vê que não foi nenhuma paixão... Tambem por egoismo... me conservei isento de sentimentos violentos... até pouco tempo... Só tinha uma affeição dominante... minha mãe. E' a primeira vez esta, que nos separamos... Já eu devera ter partido... Todas as suas cartas de Paris me exprobram isto... Emfim... voltemos ao caso. De facto, como gentilmente observou a senhora, todos são mais ou menos inclinados ao egoismo... em mim, porem o defeito requintou... Votasse eu mais amor á arte e ás letras, do que a mim mesmo... e teria continuado a produzir livros e peças... Mais amor ao meu paiz do que á minha pessoa... e houvera ficado na politica...

CONSELHEIRO NUNES

Na verdade, a politica mata.

JACINTHO

A uns... a outros engorda...

JOHN SMITH

Entretanto, ainda não comprehendí bem...

AMELIA (*como que distrahida*)

Nem eu... E' uma especie de logogripho.

JORGE (*voltando-se para Amelia com vehemencia*)

Ha de V. Ex. comprehender tudo, quando souber que ponho todas as minhas energias, a minha alma, a minha vida, naquillo que emprehando... ou antes, naquillo que de subito, mau grado meu, e apesar das mais intimas e violentas revoltas, de mim se apodera, me avassala... e se torna senhor de todo meu eu. (*Mudando de tom e com mais calma*) Sacrifiquei tudo ao desejo de viver... E' vulgar... mas é a verdade...

CONSELHEIRO NUNES

Razão poderosissima, meu amigo...

JORGE (*continuando*)

Muito doentinho e franzino desde o berço, como aliás tambem fôra meu pae, custei immensos esforços a minha mãe para resistir á debilidade dessa constituição herdada. Durante toda a meninice fui sujeito a um regimen severo e especial de existencia. Faltava-me como que a força de viver... Qualquer emoção me prostrava... Já moço e mais robustecido, o minimo abalo moral fazia-me um mal incomparavel... As exhibições publicas... os triumphos immerecidos...

JACINTHO E OUTROS

Pelo amor de Deus!

JORGE

... Punham-me de cama... Passava noites em claro... Na politica, então, era muito peor... As injustiças, os conluios, as patotas, indignavam-me, davam-me crueis dias de tortura... e noites ainda peores... Dahi, o tom apaixonado dos meus discursos, as acrimonias, que eram para mim outras tantas causas de desgosto... Todos esses esforços e vibrações nervosas estavam acima das minhas energias physicas. Tres mezes de camara e fui para o leito, onde permaneci metade de um anno inteiro entre a vida e a morte... Salvou-me o Dr. Valladão, o velho Valladão, um sabio e um philosopho...

DR. RAMOS

Bem me lembro. Todo o Rio de Janeiro nelle falava.

JORGE

Pois bem... esse homem largamente conversou commigo e com minha mãe... Deixar tudo... não pensar quasi... dar largas á vida vegetativa, cohibir a intellectual... ou então morrer... Teria, certamente, sido muito mais brilhante e heroico não aceitar o dilemma e continuar... continuar... mas, sempre em mim predominou mais Sancho Pansa, do que D. Quixote... Puxei para traz, como vulgarmente se diz... e de repente, para fugir á tentação, parti para a Europa, abandonando tudo... A desculpa, se é que ha, resume-se no amor de minha mãe, a quem estremeço acima de tudo... ou estremezia exclusivamente até pouco tempo...

JULIA

Então ha outro sentimento?

JORGE (*com firmeza*)

Ha, infelizmente!

AMELIA (*estremecendo*)

Meu Deus! Quanta audacia!

CONSELHEIRO NUNES

Ouviu novamente o canto da sereia... A politica é terrivel... Eu...

JORGE (*sorrindo*)

Não, meu caro conselheiro, essa sua sereia para mim desafina horrivelmente... Por este lado, não ha perigo... (*como que distrahido*) Lavra-me no seio um desgosto immenso... e sem exageração não tive, em toda a minha existencia, um dia de alegria completo. (*Com outro tom*) Mas, como é ridiculo estar falando assim de mim!...

AMELIA (*com alguma ironia*)

Não senhor, em suas palavras ha bastante que aprender...

JORGE (*com intenção*)

Pelo menos, procedo com lealdade, dizendo diante de todos o que sou e o que sinto... E que honra poder ser util de qualquer modo a V. Ex.!...

AMELIA (*com severidade, mas perturbada*)

Creio que não preciso mais de lições...

CONSELHEIRO NUNES

Não diga isto, minha senhora. Socrates aprendeu a dansar aos 80 annos...

SIQUEIRA (*para Julia*)

O seu marido tem uma erudição!

CONSELHEIRO NUNES (*á meia voz para Jorge*)

Este Dr. Siqueira é moço bem aproveitavel...

UM CRIADO (*entrando*)

A Exma. Sra. D. Arminda Soares precisa falar com V. Ex.

AMELIA (*levantando-se precipitadamente*)

Arminda? Aqui?

(*Signaes de surpresa em todos*)

AMELIA (*para o criado*)

Mas não lhe dei ordem que não deixasse entrar esta senhora? Disse-lhe que eu estava incommodada?

CRIADO

Sim, senhora. A Sra D. Arminda insistiu, levantou a voz... exigiu... que eu viesse annuncial-a...

JOHN SMITH (*levantando-se*)

Mande-a entrar (*para Amelia*) Agora não ha remedio...

(*Levantam-se todos*)

CONSELHEIRO NUNES

Mas que ha? (*Siqueira faz-lhe um signal*)
(*Abre-se a porta. Arminda Soares entra arrebatadamente. Um cavalheiro acompanha-a com algum constrangimento*)

SCENA VIII

(*Os precedentes, Arminda, D. Molina.*)

ARMINDA (*correndo para Amelia*)

Então assim é que está doente? Bem me diziam que você estava zangada commigo. Vim saber a razão. (*Estouvadamente e voltando-se para os outros*) Ah! falta-me apresentar o meu cavalheiro... D. Molina Regis, addido da legação peruana... pessoa muito distincta... amigo de meu marido.

(*D. Molina cumprimenta profundamente a todos. Uns respondem amavelmente, outros com sequidão*)

ARMINDA (*com volubilidade a Amelia, depois de ter beijado Julia*)

Mas, com effeito, acho você tão fria!... Que é isto? Deu um grande baile... Não me escreveu para Petropolis... D. Molina Regis estranhou... Não é verdade D. Molina?

D. MOLINA (*adiantando-se*)

Señora!

AMELIA (*empallidecendo muito, mas com firmeza*)

De facto, não a convidei... julguei que não devia convidal-a...
(*Constrangimento geral*)

CONSELHEIRO NUNES

Mas que ha?

ARMINDA (*que ia a sentar-se, estaca*)

Que quer isto dizer... da parte de uma amiga íntima?...

AMELIA (*rispida*)

Encarecidamente lhe peço não me considere como tal...

JOHN SMITH (*inquieta*)

Amelia!

ARMINDA (*muito perturbada*)

Pelo menos, quero saber porque...

AMELIA (*exaltando-se*)

Porque se a sociedade procedesse com mais cautela e buscasse castigar de qualquer modo aquelles que se esquecem dos seus deveres... nós, senhoras, gozariamos de mais consideração e (*voltando-se de todo para Jorge*) não estaríamos tão expostas a tentativas que ferem e escandalisam os nossos sentimentos de dignidade e delicadeza...

ARMINDA (*com desespero*)

Então você me expelle de sua casa?... Meu Deus, que vergonha! (*Cae em uma cadeira soluçando*) Mas que fiz eu? Que fiz? (*Levantando-se com arrebatamento*) Ah! vejo bem que nesta casa... que eu supunha de boa educação...

VOZES

Senhora!

ARMINDA (*no auge da exaltação*)

Maldosamente se apanham os boatos das ruas...

Pois, fiquem-se com elles... Saberei reagir... Tenho consciencia do que sou e do que valho... Não devo favores a ninguem, graças a Deus, e não mendigo relações hypocritas e desleaes... (*para D. Molina*) Vamos, D. Molina, dê-me o seu braço. (*Sae só, correndo e enxugando as lagrimas*)

(*Momento de silencio*)

D. MOLINA (*adiantando-se e emphaticamente*)

El honor de esta señora es cosa sagrada! Ai de aquel que en el tocar... Pagará con su sangre... El que quiera... mañana... Pero, me retiro por ahora... (*Cumprimenta e sae*)

SCENA IX

(Os precedentes, menos Arminda e D. Molina)

JULIA (*para Amelia*)

Que scena, santo Deus! Mas como você está desfigurada! Vai desmaiar. (*Todos se chegam*)

AMELIA (*com esforço*)

Não é nada... Estou melhor, já passou... Ligeira reacção.

(*Formam-se grupos*)

CONSELHEIRO NUNES

Depois do que me contou o nosso amigo Siqueira, applaudo a energia de D. Amelia. Esteve sublime!

JOHN SMITH (*contrariado*)

Peço instantemente aos senhores, como amigos meus, que nada contem do que acaba de occorrer.

JACINTHO

Não tenha duvida.

(*Conversa com John Smith e outros*)

JORGE (*aproximando-se de Amelia*)

Sente-se melhor, minha senhora?

AMELIA (*provocadora*)

Com effeito... sinto-me outra. Esta scena muito bem me fez... Assim expulsarei de casa...

JORGE

Pois V. Ex. andou mal, permitta que lhe observe...

AMELIA (*perturbada*)

E quem lhe deu o direito de julgar-me? Quem?
(*Com voz alta*) Preciso saber...

JOHN SMITH (*chegando aos dous*)

Que ha?

JORGE (*com muita calma*)

Mui respeitosamente, dizia eu á sua senhora que na minha opinião ella não fez bem...

JOHN SMITH

Com effeito... Nunca imaginei tal desenlace... (*Vol-*

tando-se para Amelia) Você habitualmente tão meiga... tão condescendente com todos! Nosso amigo tem razão... Todos aqui se curvam ao que determina a dona da casa, mas é sempre util conhecer opiniões francas e leaes...

AMELIA (*mostrando-se muito perturbada*)

Ah!

(*Cae o panno*)

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

(A mesma sala do acto anterior. Vem cahindo a noite. Relampeja, e de vez em quando ouve-se o rumor de longinqua trovoadá).

SCENA I

(Martim Pedro e Mariúna).

MARTIM PEDRO *(acendendo lampadas)*
Vamos ter muita chuva, nhã Mariúna.

MARIÚNA
Parece... e o senhor ainda não entrou...

MARTIM PEDRO
Nem deve voltar, senão muito tarde... Hoje é vespera do vapor da Europa... tem sempre muitas cartas que escrever... Conheço-o... Ha dez annos que o sirvo... E' um relógio inglez... E que bello homem! Vale o que pesa...

MARIÚNA
Isto não ha duvida... Mas tambem a Nêê nada lhe fica a dever... creio eu...

MARTIM PEDRO
Ninguem diz que não... E' um casal modelo...

Nada lhe falta... Mas... *(com certa hesitação)* nhã Mariúna, de certo tempo para cá, não nota alguma cousa?

MARIÚNA *(chegando-se como que curiosa, mas inquieta)*

Que? Viu alguma novidade?

MARTIM PEDRO

Eu, ver... não; mas a senhora anda tão triste...

MARIÚNA *(apressada)*

Não tenho percebido... Não acho... Talvez um pouco...

MARTIM PEDRO

Pois é verdade... Já temos conversado lá dentro... Ha mezes para cá, esta casa é outra... Dantes, tantas festas... partidas, jantares... os criados numa dobradura sempre... agora, tamanho socego!... Não digo que seja mau... mas tambem o outro modo de vida tinha suas vantagens...

MARIÚNA

Ah, é que tudo cansa... Nêê foi sempre assim... Deixe passar algum tempo... e mecê verá...

MARTIM PEDRO *(abaixando a voz)*

Pois eu... quanto a mim... cheguei a pensar nalgum desgosto...

MARIÚNA *(inquieta)*

Desgosto?... Mas por que?

MARTIM PEDRO

Eu sei... e que me diz daquella tristeza?...

MARIÚNA

Ora... cousas de gente rica... Só nós, Sr. Martim, nós os pobres e humildes, criados e escravos, é que temos obrigação de andar sempre com o riso na cara e os dentes de fóra...

MARTIM PEDRO

Então acredita, que não ha nada entre os amos? Olhe, quando na sala de visitas começam a surdir mysterios de melancolia, a cópa e a cozinha devem abrir o olho... Vem logo novidade grossa...

MARIÚNA

Vocês... criadagem branca têm muita maldade... Cruzes, santo Christo!

MARTIM PEDRO

Uma cousa lhe digo... Por parte do Sr. João não ha nada... Sempre o mesmo, bom, alegre... de carinha nagua... Observe lá... do lado da sua senhora!...

MARIÚNA

Ora... não seja atrevido... e bisbilhoteiro... Olhe, ahi vem a Nêê... Acabe de acender os lampeões. *(Martim Pedro sae, quando entra Amelia. Esta vem de vagar. Mariúna a contempla attenta e triste: depois sae).*

SCENA II

AMELIA *(deixa-se cahir numa cadeira. Apoia os cotovelos numa mesa. Silencio curto)*

Meu Deus! Que existencia preparei para mim! Quanta duvida! Que perplexidades! Ha dous mezes... tamanha confiança no futuro... tanto orgulho de mim... E hoje, que sou? *(Com voz surda)* Uma... miseravel! *(Levantando-se por um movimento nervoso)* No que deram as minhas theorias... os meus raciocinios e indignações... e sarcasmos! *(Morde o lenço)* Como as outras! Como as mais... Ah! eu quizera poder morrer... E afinal tenho bem, bem certeza que o ame... a esse homem? Supplicio horrivel... pergunta de todos os momentos. Estou como que a lutar com um pesadello... e vejo tudo tão claro... tão lucido... Sei bem que é um ente superior... Sim, Jorge não é como os outros homens... Attenuante, de certo, mas basta?... Bastará?... Sinto... conheço, que me ama... será capaz de tudo... senão por amor... por cavalheirismo... Mas eu? Um mez de loucura... de embriaguez... especie de triumpho diabolico... hymno de victoria na quéda... uma explosão de seiva... de paixão... não sei o que... E depois, de repente... a percepção do que fui, do que sou... do que serei... Mas como, como, santo Deus! cheguei a isto? Por ventura me armou a seducção laços irresistiveis? Nem posso dizer... Uns olhares... palavras murmuradas... a obsessão de mim

mesma... sim, de mim, muito mais do que delle; e num bello dia não me pertenci mais... não tive mão na minha vontade!... E John, meu pobre John, tão bom, tão calmo, tão alheio a tudo! Tão cégo... no meio dos horrores que me pungem... que amontoei em torno de mim (*Passeia agitada*) Agora que sou obrigada a tanta perfidia, é que conheço o arsenal immenso, os recursos que toda a mulher tem em si... armas tão complicadas e tão promptas!... O instincto do mal acordando... crescendo... dominando tudo... esmagando sem compaixão todos os sentimentos nobres e puros que queiram reagir!... Onde aprendi tanta cousa, na innocencia de minh'alma?... E porque não hei de ser má... má de todo, para não sentir o que sinto... tanta vergonha de mim mesma?! Ah! Eu bem quizera ser casada com um homem, cujos defeitos e vícios de alguma sorte desculpassem minha falta... Mas John!... E entretanto, vejo... vejo bem as cousas. Repuzesse um poder sobrenatural tudo como dantes... e tudo de novo havia de acontecer... Agora sei bem o que vale o orgulho de uma mulher... Pois ninguem o teve tanto... tanto como eu!... Até nestes momentos de uma dôr immensa... tenho orgulho de ser sua amante!... (*Parando*) E quantas teriam sido?... Oh! que idéa! Eu, confundida na turba multa?... Um simples incidente de viagem? (*Estremecendo de subito*) Será possível? (*Breve pausa*) Mais isto? Oh! é de enlouquecer! Quantas complicações!

(*Cae numa poltrona e esconde o rosto nas mãos, soluçando. Mariúna entra pé ante pé; vai á*

porta do fundo ver se ha alguém; fecha-a de vagar e contempla Amelia, collocando-se por detraz della.)

SCENA III

(*Amelia, Mariúna.*)

MARIÚNA (*com voz branda*)

Por que é que Nêné chora?

AMELIA (*sobresaltada, enxugando rapida o rosto*)

Nada, Mariúna; estou nervosa... não sei... talvez o tempo... Creio que vai haver trovoada, não é?

MARIÚNA (*vindo para frente*)

Nêné anda doente... eu bem vejo... A trovoada é dentro dalma.

AMELIA (*sorrindo tristemente*)

Deixe-se de tolices, Mariúna... São nervos... Você não entende disso... Aliás já consultei medicos.

MARIÚNA (*meneando a cabeça*)

Elles é que não entendem disso... E essa sua tristeza?... Não conheço mais Nêné... Não come... não dorme...

AMELIA (*levantando-se com alguma impaciencia*)

Não tenho nada, Mariúna... Se soffro... é sem motivo.

MARIÚNA

Soffre... e soffre assim, porque não tem confiança em mim... sua escrava velha... sua ama... que a criou aos peitos... *(Pega-lhe com carinho no braço)*

AMELIA *(repellindo-a docemente)*

Deixe-me, Mariúna; preciso estar só... bem só... O Sr. já veio?

MARIÚNA *(com tom de brando queixume)*

Coitado do meu senhor moço!... Tão...

AMELIA *(assustada e rispida)*

Que quer isto dizer, Mariúna?

MARIÚNA *(continuando)*

Elle... tão bom!... Gosta tanto... tanto da Nêê?
(Com subita autoridade e adiantando-se para Amelia que recua) Em que presta elle menos do que o outro?...

AMELIA *(com um grito de terror, pegando com violencia na mão de Mariúna)*

O outro?... Que outro?!... Está louca, rapariga
(Encara fixamente Mariúna e cae no sofá)

MARIÚNA *(abaixando de repente a voz, rapidamente)*

Eu sei de tudo. Estava no jardim naquella noite... O cavallo do Sr. Jorge ficou amarrado á cerca... Fazia um calor horrivel... Estive para gritar... não pude... Foi no dia 15 de Novembro... Para que negar?...

AMELIA *(aniquilada)*

Eu nas mãos de uma escrava! *(Breve silencio)*

MARIÚNA *(inclinando-se carinhosa sobre Amelia)*

Para que falar assim, Nêê?... Por que fazer pouco na velha ama?... Quem lhe pôde querer mais bem do que eu?... Diga? Nem mesmo sua mãe... ouviu? Quem, neste mundo de Christo?... Que leite foi que mamou... senão destes peitos?...

AMELIA *(com soluços)*

Mariúna... Mariúna... tenha pena de mim!

MARIÚNA

E como não hei de ter?... Olhe... eu tambem estou chorando... Noutro tempo... Nêê era tão feliz!... Mal olhava para mim!...

AMELIA

Nunca deixei de querer a você...

MARIÚNA

Mas eu sempre de olho em Nêê... No mundo não tenho mais ninguem a quem amar... Quem foi que me tirou felicidade... alegria... tudo? Não sabe? Pois bem... fique sabendo... Para eu lhe dar de mamar... minha filha teve de morrer... A Josepha... coitadinha! Era tão bonita... tão alvasinha!... mas era filha de escravos... Nêê nasceu... e a pobre mulata do engenho teve de vir para a cidade... deixando Josepha...

AMELIA *(angustiada)*

Mariúna!

MARIÚNA *(um tanto aspera)*

Mariúna tambem chorou muito... muito! Alta

noite... Nêê quantas vezes não sentiu leite amargo?! Era o leite de Josepha... Pobresinha da minha filha... Não podia ter pae... não podia nem sequer ter mãe... Dous mezes depois morreu!... Se ninguem tratava della... Ninguem! Houve horas em que pensei matar Nêê... Ouvia contar historias de vidro moido no bico dos peitos... Resisti, porque me agarrei com a Virgem Santissima, pedindo paciencia!... Não quiz... não... Coração de captivo é coração de dôr!... Ah! Josepha! Josepha!... Captiveiro dóe muito!... Assim foi melhor... escrava como devia ser...

AMELIA (*levantando a voz*)

Mariúna... não fale assim... Quem estima a você como eu?... Faltou-lhe alguma cousa nesta casa?...

MARIÚNA (*com energia*)

Faltou minha filha! (*Batendo nos peitos*) Fosse eu da sua raça, e hoje a minha vez tinha chegado... porque mulheres brancas gostam... de se vingar... não esquecem nunca... (*Parando e mudando de tom*) O que está feito... está feito... Hoje Nêê é Josepha... Não tenho senão mecê... (*carinhosa*) Olhe... não chore tanto... Disfarce mais... Este segredo é só meu... Tenho espreitado por toda a parte... Ninguem desconfia... Repararam só na sua tristeza...

AMELIA (*acabrunhada*)

Que degradação!... A que cheguei!...

MARIÚNA

Olhe, Nêê... se não fosse o meu cuidado... estar

sempre attenta... já teria havido historia grossa... Vocês moços... não pensam em nada... O Sr. Jorge então parece cego... Que feitiço botou elle em Nêê?... E que pode vir mais?

AMELIA (*muito agitada*)

Mariúna... Mariúna!

MARIÚNA

Se é que já não veio... Não trema, porem, assim... Não tenha em mim senão confiança... O mal está feito... Agora é não augmental-o... Olhe... quer attender-me? Não receba mais o Sr. Jorge, ouviu?... Afinal o que esperar delle?... Estas cousas acabam sempre assim!

(*Batem á porta*)

AMELIA (*levantando-se sobresaltada*)

Meu Deus!

MARIÚNA (*rapida*)

Psio! Enxugue o rosto. (*Voltando-se para o fundo*) Que é?

UMA VOZ (*de fora*)

O Sr. Dr. Jorge de Castro deseja falar com a senhora.

MARIÚNA (*para Amelia*)

Recebe?

AMELIA (*depois de alguma irresolução*)

Sim!

MARIÚNA (*meneando a cabeça*)

Ah! mocidade! (*Para o fundo*) Diga que entre.
(*Para Amelia*) Não falem alto.

(*Abre-se a porta. Mariúna cruza-se com Jorge de Castro e atira-lhe um olhar quasi de ameaça. Sae pela porta do fundo, que torna a fechar*)

SCENA IV

(*Amelia e Jorge*).

JORGE (*adiantando-se. Cumprimenta profundamente*)

Minha senhora! (*A meia voz*) Estamos sós?
(*Amelia faz signal com a cabeça que sim. Senta-se acabrunhada no sofá. Jorge aproxima ao lado uma cadeira*).

JORGE (*animando-se pouco a pouco*)

Felizmente podemos conversar... São tão raras estas occasiões!... Para assim dizer, não tivemos, Amelia, um momento de intimidade... Estive hoje com elle... de manhã na cidade... Disse-me que não viria tão cedo... Aproveitei o ensejo... Ver-te, ver-te a sós, meu Deus! Que felicidade! E eu que tenho tanto... tanto que te dizer... E' uma conversa decisiva... Mas estás tão triste... tão desfeita...

AMELIA (*fazendo um esforço*)

Com effeito... sinto-me muito nervosa... abalada... com receios não sei de que... Parece-me que tudo vai

acabar. (*Procurando reagir e com meiguice*) Mas... ao teu lado... sou outra... quero ser... hei de ser...

JORGE (*com arrebatamento*)

Dize-me que não te arrependes do passo que deste. E' o meu desgosto... a desconfiança, que corróe e cresta a felicidade dos dias mais brilhantes... mais radiosos de toda a minha existencia! Não julgues que são arroubos de momento... Não penses em phrases de convenção entre amantes... Eu te juro pela vida de minha mãe — ente que para mim é quasi divino, eu te juro que até ver-te, fui um homem frio, calculista... indifferente... a inspirar paixões e a não as sentir... mas hoje... só hoje... é que conheci os tormentos que a outros impuz... Não me amas bastante, Amelia...

AMELIA

Jorge... por que falas assim?... Queres provas mais completas do quanto te estremeço?... E como dal-as?

JORGE (*um pouco severo*)

Não sou, Amelia, um espirito que se deixe levar por apparencias... Compreendo o que se passa no teu coração, como se o tivesse aqui na palma desta mão... como se fosse um livro, cujas paginas estivesse lendo. E se augmentam a minha admiração e o meu amor por ti, mais se agrava o quanto sinto por me ver incapaz de responder a todas as censuras intimas que a tua consciencia levanta contra mim... Sim, tiveste um mez... tiveste semanas... de paixão sincera por mim... mas hoje...

AMELIA

Hoje?... Que? Completa o teu pensamento...

JORGE

Hoje tenho um rival poderoso...

AMELIA (*surpreza*)

Um rival... Quem?

JORGE (*com imposição*)

Teu marido... ou antes, e com elle, tua vida de outr'ora... teus habitos... tua serenidade d'alma... tudo consubstanciado em John Smith...

AMELIA (*com dôr*)

Por que trazes, Jorge, este nome, quando estamos juntos? E' uma chicotada em plena face...

JORGE (*levantando-se arrebatado*)

Ah! tu confessas... Tu te arrependes então de ser minha?... Eu bem sabia!... Bem te dizia, que havíamos de ser infelizes...

AMELIA (*quasi queixosa*)

Por que então não me deixaste?... Por que insististe... se tinhas esse presentimento? Que te levou a impellir-me na vertigem, que me atirou nos teus braços?

JORGE (*com fogo*)

A paixão!... Pensas então que não resisti a mim mesmo? Quantas vezes, quantas, não estive de passagem tomada? Minha mãe a chamar-me anciosa... e eu

preso aqui, sem forças, sem acção... Mais uma experiência, dizia eu... Se ella não olhar para mim, partirei amanhã... E lá vinha um olhar teu, embora fugitivo, de relance, prostrar todas as minhas energias! E eu ia ficando... eu, o homem, a quem todos gabam pela sisudez e prudencia, eu, nas garras de uma paixão que me empurrava para mil traições e indignidades... Acreditas, por acaso, que não soffro horrivelmente, ao apertar a mão tão leal, tão honesta de John Smith?

AMELIA

Então de que me accusas? Soffremos do mesmo mal, Jorge, e mal que não tem cura, pois agora por nossa culpa reciproca estamos enfrentando com o irremediavel... Demais, tu sabes, restos de orgulho... Quando me lembro do que fiz á pobre da Arminda... Aquella explosão de fingida severidade que toda queria referir-se a ti e que em sua manifestação pueril nada mais era do que homenagem ao teu poder... indo ferir a uma infeliz coitada... Oh! não sei como não estalo de dôr e arrependimento...

JORGE (*com decisão*)

Sim... será!... Mas precisamos pôr termo a isso tudo. Afinal a vida não foi feita para tamanhos soffrimentos... Não tivesse eu o amor que por ti sinto e me daria pelo mais feliz dos entes... Amar-te-ia, como nos salões se ama... dous, quatro, dez annos, tratando de preservar a nós ambos dos embates de semelhantes relações... Nada mais, nada menos... Mas, com o que

em mim se passa, com as torturas que me flagelam a alma, com o não sei que de esmagador, que me aniquila... com essa ancia continua de te ver... com as tuas esquivanças... com essa sociedade frívola e feroz em suas menores palavras que nos cerca e nos observa... não, não é possível continuarmos assim. (*Esconde o rosto nas mãos*)

AMELIA (*levantando-se e tocando-lhe no hombro*)

Vamos, Jorge, que desanimo é este?! Deixa esses momentos para a mulher (*Com meiguice*) Que mais queres em summa de mim?

JORGE (*arreatado*)

Que quero? Quero teu amor... Preciso delle... Não o tenho... exijo... deve ser nas minhas mãos uma força, um meio... não um obstaculo...

AMELIA (*sorrindo quasi*)

Mas como és injusto! Que mais posso fazer! Vê... agora que falas com tanto arrebatamento sinto-me outra... como que desculpada de tudo... Parece que nasci para só ser tua. (*Parando um pouco*) E queres saber? (*Vacillando*) Ainda... somos mais culpados do que podes pensar. (*Abaixa os olhos e enrubesce*).

JORGE (*com immenso arroubo*)

Será possível? Mas então?... Abençoado destino.. Agora sim... és minha... minha para sempre... Agora, não é dado te oppores aos meus planos... os unicos possíveis... os unicos! (*Agarra com violencia nas mãos de Amelia*) Não ha genio do bem ou do

mal... que me separe mais de ti! (*Busca conter a sua agitação*) Necessito de calma... de muita calma, e não consigo tel-a. A alegria, o orgulho! Sim, sei agora, vejo que estou acima dos outros homens... de todos! Teu amor e teu sacrificio me deram um pedestal immenso, donde contemplo tudo com desprezo e indiferença... Só tu, neste vasto mundo... em todo o universo... tu, a creatura... acima do Creador...

AMELIA (*sorrindo*)

Jorge!

JORGE (*voltando a si*)

E' verdade... estou como um poeta aos 20 annos! Mas dize-me, Amelia; que mulher és tu, que assim me transformaste? Eu... que fazia de todas vocês um graço, um méro brinquedo para o homem de espirito... Que poder colossal... quantas violencias não acordam em mim?... Que me importa o mundo... que me importa a traição... a infamia, contanto que eu te tenha?

AMELIA (*abaixando a voz*)

Acalma-te, Jorge. Falas tão alto! Sejamos razoaveis no meio de toda a nossa sem-razão...

JORGE (*pegando-lhe na mão com ternura*)

Sim... é justo! Sentemo-nos... urge immensamente conversar contigo... e ficar tudo combinado... Ah! Deus meu, como o futuro agora se tinge de risonhas côres!... Escuta. (*Leva-a para o sofá e senta-se perto*) Amelia... (*parando*) Ninguem nos pôde ouvir? (*Amelia faz signal que não*) E aquella tua ama?

AMELIA

E' de toda a confiança.

JORGE (*rapido*)

Sabe de tudo?

AMELIA (*constrangida*)

De tudo... não nos denunciara...

JORGE (*com alguma calma*)

Antes de te conhecer, Amelia, amava eu um ente acima de tudo...

AMELIA

Tua mãe...

JORGE (*continuando*)

E' verdade... Nem jamais suppuz, que no mundo moral houvesse sentimento que superasse aquelle... Mesmo como filho e bom filho, que me prezo de haver sido e ainda sou, a paixão faz-me preterir deveres que considero sagrados...

AMELIA

Como assim? Fala... fala depressa, Jorge.

JORGE

Ha dous paquetes, que minha mãe me escreve afflictivamente... Sente-se bastante doente... e o seu medico assistente confirma-me em comunicação reservada a gravidade do caso... Póde durar... mas tambem póde succumbir em poucas horas... Pois bem... não me tenho achado com coragem para partir... Vivo

numa luta horrivel... Tranquillisei-a... alleguei negocios inadiaveis... emfim... menti-lhe... sim, menti-lhe... porque a causa unica da minha demora eras tu... és e... serás tu!...

AMELIA

Oh! Jorge!

JORGE

E não é tudo. (*Tira do bolso um papel*) Hontem, á noite recebi este telegramma... lê...AMELIA (*abrindo convulsa e lendo*)«Se queres receber a benção de tua mãe, embarca, vem depressa. — *Margarida.*» Oh! meu Deus, isto é horrivel!

JORGE

E amanhã ás 3 horas da tarde, sae o vapor francez, que vae directamente para Bordeaux... Que devo fazer?

AMELIA (*hesitando*)

Consulta a tua consciencia... o teu coração... Tua mãe... mas tambem eu...

JORGE

Só achei uma solução. (*Troveja mais forte, e uma lujada de vento faz tremer as luzes*) E essa solução...AMELIA (*estremecendo*)

Que frio repentino!

JORGE (*continuando*)...depende agora de ti... Attende-me bem. (*Ache-*

gando a cadeira) Para nós só ha hoje uma cousa... fu-
jamos!

AMELIA (*sobresaltada*)

Oh! Jorge! Que idéa!

JORGE (*com fogo*)

Fujamos! Nem imaginas como seremos felizes...
Occultar-nos-emos num canto ignorado do mundo...
e, á fé de cavalheiro, saberei fazer-te feliz!... Que te
póde prender aqui? Responde?

AMELIA

Mas...

JORGE

Riquezas? Dar-te-ei tudo quanto possas sonhar...

AMELIA

Tu me offendes.

JORGE

Não... Estudemos tudo... pesemos os prós e con-
tras...

AMELIA

Fugir? Fugir? E que ficarei sendo no mundo...
perante a sociedade?

JORGE (*um tanto ironico*)

Então é a posição que pões acima do meu amor?
Que serás? Nada menos, do que a companheira eterna
do homem para quem foste creada... Anda. (*Com voz
mais baixa e insinuante*) dize sim... Nada mais facil...

Ninguém desconfia de leve. (*Mariúna abre a porta do
fundo e depois de ouvir por um pouco torna a fechala*)
Sahirás daqui, uma hora antes da partida do pa-
quete... E uma vez no Oceano... a liberdade nos per-
tence (*inclina-se offegante para Amelia*) Vamos... de-
cide!

AMELIA (*com explosão*)

E meu marido? E John Smith? Como queres que
eu o lance na mais cruel e estrondosa deshonra... De
certo sou muito culpada, mas expiarei nas lagrimas o
meu erro...

JORGE (*sombrio*)

Vacillas... não é? Portanto não me amas...

AMELIA (*chorosa*)

Mas que culpa teve elle? Uma unica... confiar de-
masiado em mim... E serei eu que o precipite do alto
da felicidade em que se suppõe... em que estive na rea-
lidade durante annos... aos abysmos da mais pro-
funda desgraça e vergonha?... Ah! não me tentes!...
Que escandalol! Que pasmo para toda a sociedade!
Amelia Smith... a orgulhosa Amelia... que expelliu ha
dous mezes de sua casa Arminda Soares... fugindo
como uma dansarina de circo... Impossivel! Tudo...
menos isto!

JORGE (*aniquilado*)

Queres que eu não parta? Que desobedeça á mi-
nha mãe... Que não lhe receba a ultima benção... não
recolha o seu derradeiro suspiro?... Pois bem, fal-
o-ei...

AMELIA

Não, Jorge... tu verias em mim o teu algoz... E' outro impossivel... Vai... parte... a contingencia é cruel. Deixa-me... não sou melhor do que as outras... Hoje bem comprehendo... A mulher foi feita para as lagrimas... Quando não lhes toca por sorte chorar... fazem como eu... arrecadam dôres eternas para si.

JORGE (*com insistencia*)

Vamos... Amelia... um pouco de coragem... E' só o primeiro momento que custa... Afinal... de que vale a opinião do mundo... dos outros? Para que nos constituirmos victimas soffredoras de todos? Tens receio do futuro, commigo ao teu lado? De que serviria sermos superiores a tantos? Dize sim... dizel! Dos teus labios pende a minha vida! Uma repulsa levar-me-ia a extremos horrorosos.

AMELIA (*muito vacillante*)

Mas John... meu pobre John!

JORGE

Sempre elle! Ora, consolar-se-á como tantos... Demais, que nos importa a sua sorte? Tenhamos o exclusivismo feroz da felicidade...

AMELIA

Eu te supplico, Jorge, não fales assim. Devéras não sabes o que é esse homem... sua grandeza d'alma... sua bondade...

JORGE

Então chegará dia em que... nos perdõe...

AMELIA (*emendando*)

... nos lamente... só...

JORGE (*rapido*)

Ou isto... Escuta, Amelia. E' dizeres sim, e tudo combinarei para que, sem o menor risco... sem ninguem saber, te aches amanhã, ao meu lado, fóra da barra... livre... livre... tendo diante de ti a immensidade do mundo... a immensidade do meu amor... Olha, tudo já está preparado... Falta só o teu sim... E esse o terei, não é verdade?

AMELIA (*sempre irresoluta*)

E meus paes? E o orgulho da minha raça? Oh! morreriam de dôr, Jorge. Hoje, quem lhes mantem o gozo do luxo... quem lhes presta apoio... no descalarbro de todos os seus bens... é John Smith... E eu lhe daria essa paga?

JORGE (*muito incisivo*)

Em vez de arrostares com selvatica nobreza, lealmente, com coragem, pelo menos, a reprovação da sociedade, preferes enganar a teu marido ás escondidas... sorrindo-te para elle... acolhendo com fingida meiguice os seus carinhos. E é isto, que se chama amor na roda aristocratica?...

AMELIA (*acabrunhada*)

Ah! Jorge, que castigo tu me infliges! Que palavras tão cruéis!

JORGE (*com resolução*)

Vamos... uma decisão... se disseres não... parto, parto sem ti... fujo; mas, olha bem, será para sempre... Nunca mais hei de ver-te! Arrancarei tua lembrança do meu coração...

AMELIA (*com desespero*)

Não... Jorge, não... tu não o farás...

JORGE (*exaltado*)

Quebrarei todos os laços que me prendem a ti... Também sei ter orgulho... Buscarei outro affecto... uma mulher que me saiba comprehender... como eu esperava... e não encontrei. (*Agarrando com subita violencia nas mãos de Amelia*) Não... és minha! Tu te entregaste a mim... has de vir... Queres o escandalo, não é? Tel-o-ás! Já e já...

(*Mariúna abre a porta do fundo, pára irresoluta, recua e torna a fechar a porta*)

AMELIA

Jorge... não me magôes!

JORGE (*soltando as mãos de Amelia*)

Perdoa-me, Amelia. Estou desvairado... Não me contenho... sou um louco... Mas, dize sim... dize... Eu te supplico das profundezas da minha desgraça. (*Deixa-se cahir acabrunhado no sofá. Breve silencio*).

AMELIA

Que momentos já temos supportado!

JORGE (*levantando-se de repente e com explosão de alegria*)

Ah! Mas tu não podes ficar... E essa criança? Como ha de receber os sorrisos e afagos de Smith?

AMELIA (*como que illuminada tambem*)

E' verdade... meu Deus! Sem duvida... fôra de mais...

JORGE (*convincente*)

Tu vês... Percebes num apice a situação.

AMELIA (*muito conturbada*)

Sim... sim! Nem me lembrava... Com effeito... Serei cruel... mas não um monstro de perfidia... Sim, Jorge, fujamos... fujamos... E' a unica solução... Tu bem disseste!... Mas como fugir?

JORGE (*rapidissimo, em voz surda*)

Nada mais simples. Deixa tudo por minha conta... Nada leves desta casa... Nem um lenço... Tudo acharás a bordo... Providenciarei... Amanhã... ás 2 horas da tarde... acharás um carro fechado na esquina... Conduzir-te-á a galope a um ponto de embarque... Uma lancha a vapor nos levará para perto de Santa Cruz... conseguirei... Seremos os ultimos a embarcar... Toma um véu espesso... é só o que deves fazer (*levantando a voz com triumpho*) Entregate toda a mim... Verás que mereço tua plena confiança.

(*Abre-se a porta com estrepito. Mariúna entra correndo*).

SCENA V

(Amelia, Jorge e Mariúna).

MARIÚNA

Falavam tão alto!... Ahi vem gente.

AMELIA (*aterrada*)

Oh! meu Deus!

JORGE (*contendo-se e com imperio*)

Tenha calma!... Estou attento.

(*Ouve-se bulha fóra. Gritos «Deixem-me, deixem-me»
Arminda Soares precipita-se em scena no
maior desalinho e com a mão ferida.*)

SCENA VI

(Os precedentes, Arminda).

ARMINDA

Socorro, socorro, Amelia!

AMELIA

Arminda! Neste estado! Que é isto?

ARMINDA

Salva-me, salva-me... Meu marido quiz matar-me... feriu-me na mão... Vim correndo... entrei aqui

a pedir protecção... Scena horrivel... Um copo dagua. (*Cae prostrada numa cadeira*) Escapei... mas elle não tarda (*Mariúna apresenta um copo dagua que Arminda bebe soffrega*) Esconde-me, Amelia (*levantase precipitadamente*) Elle ahi vem... elle ahi vem... e eu não quero morrer! Sou tão moça!

AMELIA

Eu não sei... Arminda...

ARMINDA (*no auge do desespero*)

Como... tu me recusas protecção? (*Avistando Jorge de Castro*) Ah! o Dr. Jorge... aqui? Eu nem o tinha visto... Ah! o senhor tem obrigação de me salvar... Afinal eu já fui sua amante! E o senhor é um cavalheiro...

AMELIA (*recebe um golpe profundo, está a desfallecer mas faz um grande esforço*)

Que disseste? (*Pegando com violencia na mão de Arminda e puxando-a para defronte de Jorge*) Este senhor já foi teu amante? Fala; agora não é hora de mentir!...

JORGE (*balbuciando*)

Senhora... eu...

ARMINDA (*numa explosão de sinceridade*)
Foi... foi... para que negarmos?

AMELIA (*repellindo a mão de Arminda. Comprime com dôr immensa o peito*)

Ah! Santo Deus (*Pausa*) Que dia... e que dias!

(*Para Arminda, com relativa calma*) Eu te salvarei...
Vem. (*Para Mariúna*) Leve esta senhora para o meu
quarto... Feche a porta.

(*John Smith entra apressadamente*)

SCENA VII

(Os precedentes, John Smith).

JOHN SMITH (*para Amelia, muito rapido*)

Que novidades! Então Arminda Soares escapou de
ser assassinada pelo marido?... Acabam de dizer-me,
que está aqui? Foi mesmo um presentimento que me
trouxe á casa. Quando vi chegar a trovoada... comecei
a sentir-me inquieto... Parecia que uma grande des-
graça te estava ameaçando...

AMELIA (*a custo, em voz surda*)

Com effeito... Arminda está aqui... A emoção ma-
ta-me...

JORGE (*intervindo muito pallido, mas calmo*)

Acaba de chegar... quando eu... ia sahindo...

JOHN SMITH (*surprezo, mas sereno*)

Oh! o Dr. Jorge... por cá tambem?...

JORGE

Sim... vinha pedir as ordens... Parto para a Eu-
ropa amanhã... só... sempre só... Um telegramma de
Paris dá minha mãe muito doente... Não posso perder
este vapor francez...

JOHN SMITH (*com sinceridade*)

Quanto sinto... Mas voltará, não é?

AMELIA (*com voz vibrante*)

Disse-me o Sr. Dr. que nunca... nunca mais!

(*Entra um criado*)

SCENA VIII

(Os precedentes, um creado).

O CREADO (*para Amelia*)

O Sr. Soares pede para falar com a senhora...
Disse-lhe que V. Ex. estava incommodada... insta por
todos os modos...

JOHN SMITH

O Soares?... Esta agora...

AMELIA (*para Smith*)

Salvemos a pobre Arminda... Refugiou-se ao meu
quarto... Está ferida...

JOHN SMITH (*com muito espanto*)

Oh, Senhor!

AMELIA

Que fazer agora? Já não tenho forças para mais
nada (*Cae prostrada no sofá*).

JOHN SMITH (*para o creado*)

Mande entrar (*O creado sae. Para Jorge*) O po-
bre perdeu a cabeça, não ha duvida... Ah! essas cou-
sas têm sempre esse final, Sr. Doutor.

SCENA IX

(Os precedentes; Soares, em muito desalinho).

SOARES (*desvairado*)

Desculpem, meus amigos, perdoem. A minha situação é atroz. (*Com exaltação*) Tenham pena de um desgraçado... de um naufrago... de um reprobado... de um miserável!

JOHN SMITH (*compassivo, adiantando-se*)

Acalme-se, Sr. Soares... Olhe, sente-se. (*Apresenta-lhe uma cadeira. Soares deixa-se cair nella. Breve silencio*).

SOARES (*para Amelia*)

Perdão minha senhora... Sei que Ar... aquella mulher está aqui... Veio pedir protecção e guarida... Quasi a matei... ha pouco... E ella teve sempre sangue frio... defendeu-se... foi até ardilosa... Mais uma prova de que estava prompta para tudo...

JOHN SMITH

Calma, Sr. Soares, calma!

SOARES (*levantando-se arrebatado*)

Calma, é bom de dizer-se... Ah! o Sr. pode tel-a... Vê o seu lar honrado... tem uma mulher incapaz de indignidades.

(*Amelia faz um movimento de immenso desespero*).

JOHN SMITH (*com autoridade*)

Que é isto? Sr. Soares?

SOARES (*para Amelia*)

Ah! a senhora sabe ser digna do respeito de todos... Nem lhe passam pela mente semelhantes infamias... não é? Mas... compadeça-se de mim... Cinco filhos... o menor tem anno e pouco! E eu tão cego... tão confiante!... Só ha dias conheci a minha desgraça! E que vai ser de mim? A fabula desta cidade... Eu que vivia só para a familia... Revolvi suas cartas todas... quanta baixeza! Quanta depravação! Tratava cada um dos amantes, como se fosse seu marido... Enganava a todos! Mas que queixa podia ter de mim? Casei-me com ella contra a vontade dos meus paes... Era pauperrima... orphã de paes pouco dignos... eu sabia de tudo... De tudo me informaram! Dei-lhe posição... riqueza... luxo... E o pago foi este! E que mãe desnaturada! Mal estava um instante com os filhos... O tempo era pouco para a sua vida de vertigem, bailes, partidas, passeios... não sei o que! Quantas vezes não sahia de casa... deixando-me a sós... com um filho de cama a arder de febre!... Tudo eu lhe ia perdoando... acreditava simples leviandade... Eu que a amava tanto... tanto (*com desespero*) que a amo tanto ainda... Tenho horror de mim mesmo!

AMELIA (*para John Smith, com voz desfallecida*)

Chame a Mariúna... Preciso retirar-me... Sinto-me quasi morta...

JOHN SMITH (*para Jorge de Castro, que está muito pallido, de pé, encostado a um consolo*)

Esta scena deve acabar... Não sei... deveras...

SOARES (*no auge da dôr*)

Sim... comprehendo bem... tudo precisa acabar. (*com repentino furor*) Mas onde está essa mulher? E' minha... preciso vingar-me! Ah! faziam de mim um ente desprezível... ludibrio... simples joguete... Sim! Tudo deve acabar... E meus filhos (*Com subita mutação*) Quem ficará com elles... os infelizes?! Reynaldo... meu Reynaldo... Estella, meu anjo... Antonio! Ah! meu Deus! E serão meus?... Serão bem meus? Oh! isto é horrível! Soffrer assim, é demais... Venha a morte... quero a morte... Será o meu descanso unico... unico!

JOHN SMITH (*com muita energia*)

Senhor... isto não póde continuar... Peço-lhe, rogo-lhe que se retire... Depois recebel-o-ei, quando quiser... mais calmo... mais em estado de raciocinar...

SOARES (*deitando olhares desvairados, muito sombrio, com voz aspera e desesperada*)

Descanse... no seu egoismo de homem feliz... Eu me retiro... (*Com gesto de grande violencia*) Ah! a sociedade! eu a odeio... eu a amaldição!...

(*Sae precipitadamente*)

SCENA X

(Amelia, John Smith e Jorge).

JOHN SMITH

Que scena!

JORGE (*com voz surda*)

Pungente!...

JOHN SMITH

Então o Dr. parte?

JORGE

Amanhã sem falta e... para sempre.

(*Ouve-se um tiro de revolver. Gritos fóra*)

AMELIA (*dá um grande grito e vai a cahir*)

Meu Deus!

JOHN SMITH (*acudindo-a, com desespero*)

Corra Dr.... O infeliz matou-se!

(*Apparecem assombradas Arminda e Mariúna*)

(*Cae rapidamente o panno*)

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO IV

(Decoração rica em sala de casa de campo)

SCENA I

*(Ayres Peres, Lucia, Dr. Ramos).**(Ayres Peres e Lucia sentados; Dr. Ramos, de pé)*AYRES PERES *(levantando-se)*Então, doutor, acha tão grave o caso? *(Com inquietação na voz)* Dê-nos alguma coragem.

DR. RAMOS

Eu bem quizera... Tenho feito tudo quanto é possível... Aliás ha tres annos, que luto dia a dia... e hoje...

(LUCIA angustiada)

Hoje... que, doutor?

DR. RAMOS *(abaixando a voz)*

Os Srs. bem comprehendem... ha cousas que nós, medicos, não podemos declarar a uma mãe... mas quanto a mim perdi toda a esperança... toda!

LUCIA *(levantando-se muito afflicta)*

Não diga isto, doutor... Oh! fôra horrivel... Chamaram-nos da Bahia... a toda a pressa... Sempre pensei que houvesse exageração... Minha pobre filha não poderá resistir... Ella e o marido... só vivem para esse menino. E é um ente extraordinario...

AYRES PERES

Com effeito... Pareceu-me sempre um homemzinho... tão calmo... tão reflectido! Aquelles olhos não viam cousas deste mundo... Sua perda...

LUCIA *(chorosa)*

Ayres... Não fales assim...

AYRES PERES *(emendando)*

Ou a possibilidade dessa perda... é de apavorar... Tão agarrado ao pae... Não o deixa!...

LUCIA *(com desespero)*Que caprichos tem a natureza!... Quantos filhos de pobres a curtir frio e miseria... a chorar de fome... e esta criança, rodeada de todos os requisitos da felicidade, prestes talvez a expirar! Oh! é muito cruel... Chega-se a blasphemar contra Deus! E depois dizem que ha logica em tudo... Qual! Nenhum contrasenso maior! Nenhum!... Que fizeram Amelia e Smith para tão grande castigo? *(Atalhando e com carinho para Dr. Ramos)* Mas... não, doutor, o senhor assustou-se demais... elle não póde estar tão mal assim... não é verdade? ou então...

AYRES PERES (*atalhando*)

Lucia... veja que está falando com um dos mais illustres profissionaes da Côrte...

DR. RAMOS (*com benevolencia*)

Oh! deixe algum desafio á sua senhora (*Com ligeira ironia*) Estamos acostumados a isso... Não importa... Não sou nenhum fatuo... Aliás consultei já os mais provecos collegas... Hontem mesmo tivemos nova conferencia...

LUCIA (*com muita afflicção*)

Mas afinal... que tem esse menino?... De que sofre? De que vai morrer?

AYRES PERES (*com sobresalto*)

Não diga isto, senhora.... Não fale tão alto... Podem ouvil-a (*Lucia senta-se acabrunhada, Dr. Ramos puxa para junto della uma cadeira. Ayres Peres fica de pé*).

DR. RAMOS

Em consciencia, minha senhora, a resposta é difficil. Que tem elle? De que vai morrer? Não sei! Acompanho, ha muito tempo, passo a passo, esta singular enfermidade, e nada posso affirmar. Ha nesse menino um desequilibrio constante nas funções vitaes, continua superexcitação nervosa a par de invencivel depressão de forças... effeitos que reconheço, mas que não posso combater, pois nenhum orgão manifesta a mais sensivel lesão... A causa de tão extraordinarias desordens tanto mais escapa á minha investigação,

quanto verifico a robustez tradicional de todos os seus parentes e ascendentes... Natureza mais sã, mais regular, mais admiravelmente constituida que a do pai... é impossivel... Por seu lado, D. Amelia é esplendido typo de energia feminina... Creio, que os senhores seus avós, sempre gosaram saude...

LUCIA

Sempre...

DR. RAMOS

Na familia não se lembram de alguem... tísico ou louco... dyspeptico... anemico...

AYRES PERES

Nada... Nossos parentes... e em tão limitado numero são que a todos conhecemos... sempre primaram em robustez...

DR. RAMOS (*depois de breve pausa*)

Eis o que sinceramente me confunde... E para o medico que pensa... reflecte... estuda e combina... triste, muito triste é, já não digo, poder obviar e debellar o mal com que tem de arcar, pelo menos averiguar a fonte de onde deriva. Eis-me — largos annos já — frente a frente com uma enfermidade de fundo constitucional para mim quanto possivel obscuro, e até direi, como ha pouco disse D. Lucia com admiravel intuição, illogico, mas claramente caracterizada por manifestações anomalas das mais graves perturbações na vida propriamente vegetativa, nessa grande função

physiologica que os eminentes especialistas italianos tão acertadamente denominam o *ricambio materiale* (*Atalhando*) Oh! desculpem... Estou me excedendo.

LUCIA (*com vivo interesse*)

Continue, doutor... Sabe quanto o assumpto nos toca de perto... Poderei não entender bem... mas tudo quanto é falar em Amadeu... Pobre Amelia... Infeliz filha!

DR. RAMOS (*com voz pouco e pouco mais accentuada*)

Nesse bello menino ⁽¹⁾ que vejo extinguir-se de baixo dos meus olhos, ha plena confirmação de como são perigosas e devem ser pacientemente combatidas as tendencias de alteração no renovamento geral do organismo, ou melhor, na reforma dos materiaes destinados a fabricar elementos histologicos, necessarios á combustão organica e á actividade plastica. Essas febres continuas que elle tem tido... larvadas, insidiosas... essa exaltação de todo o systema nervoso que por tanto tempo attribui a causas diversas, hoje — para mim fica fóra de duvida — provinham todas não de acções exteriores, mas de modo de ser peculiar, de disposição congenita; gastar muito e ganhar pouco; consumir fóra de regra e adquirir quasi nada...

(1) Póde e deve esta longa prelecção do Dr. Ramos ser supprimida na representação, caso não seja dita por actor que lhe dê muita animação, vida e interesse. Incluí-a no livro, não só por ser em extremo natural ao medico espriar-se em considerações da sua especialidade, até com ouvintes que não podem bem comprehendel-o, como porque a theoria exposta é o ponto delicado da these que considere e quiz discutir.

(Nota do autor)

Por vezes, confesso, quiz pensar nisto... mas via-lhe os paes tão robustos... tão cheios de vida! Voltava-me para outros ramos de investigação... Ah! senhores, os medicos curtem crueis momentos nessas decepções, que lhes patenteia a inanidade dos seus esforços, por mais bem calculados que sejam... Amadeu sempre teve intelligencia exageradamente desenvolvida e corpo fraco demais para tanta precocidade... dahi *deficits* continuos, perdas exageradas... em summa um vicio de organização, ainda bastante obscuro para a sciencia... a eliminação incoercivel dos elementos vitaes... verdadeiro suicidio inconsciente. A vida foi, para assim dizer, abrindo creditos uns após outros, a appellar para um futuro que não chegou. As letras já se venceram, o devedor está insolvel e vai ser entregue á sua sorte, castigado por esbanjamentos de que, coitado, é victima innocente e irresponsavel... Na producção diaria de principios vitaes, houve metamorphose regressiva, poderosa acção da natureza que, em vez de ajudar o organismo a combater a destruição, o impellia irresistivelmente ao seio da materia não organizada... para talvez, quem sabe? novamente encarnal-o em molde mais perfeito e resistente, da mesma fórma que o artista consciencioso destroe a obra que não lhe agrada e recomeça outra, muito embora tivesse ella trazido o indiscutivel cunho do seu saber e do seu genio... Deveras é pena... esse menino era um prodigio... A essencia expansiva arreventa o vaso fragil demais que busca retel-o...

AYRES PERES (*para o Dr. Ramos*)

Mas, doutor⁽¹⁾, pensa então que a solução fatal seja breve? Diga-nos com franqueza.

DR. RAMOS

Não lhes posso occultar a verdade... E' do meu dever... Talvez hoje!

LUCIA (*juntando as mãos*)

Deus Santo! Que vai ser de minha filha? E' o que digo e repito... Que existencia!

AYRES PERES (*com energia*)

Silencio... Ahi vem Amelia... (*Pausa*)
(*Amelia entra. Os tres fingem, a custo, despreoccupação*)

SCENA II

(*Os precedentes, Amelia, abatida, mas com alguma energia*).

AMELIA

O menino descansa um pouco... Parece-me muito melhor, doutor... Desde hontem não tem febre... Não é tão bom signal?

DR. RAMOS (*com gravidade*)

De certo, minha senhora; entretanto a debilidade é immensa...

(1) No caso de suppressão da fala do Dr. Ramos, estas palavras de Ayres Peres devem ligar-se ao que disse Lucia.

AMELIA (*angustiada*)

Que crueis palavras!

LUCIA (*apressadamente*)

Mas é natural assim... Tão prolongada doença não vem sem grande abatimento... Estavamos conversando sobre isto... E o Dr. Ramos conhece hoje perfeitamente o mal, de que soffre o nosso Amadeu...

AMELIA (*apoiando nas palavras*)

O Dr. Ramos é amigo nosso sincero, não é exacto?

DR. RAMOS (*pressuroso*)

O' D. Amelia, e como não o ser? Ha tantos annos que trato nesta casa! Nella hei sempre recebido provas taes de apreço e amizade, que sou levado a considerar-me, se me permitem a ousadia, da familia. Ao Sr. commendador Smith devo finezas sem conta... E demais, como deixar de querer bem a Amadeu?... E' tão bom... tão meigo... tão formoso!

AMELIA (*enternecida*)

Não é verdade? Quem póde deixar de amal-o? Ninguém! (*Com outro tom*). Obrigada, doutor, por estas palavras; partem do coração (*Para Lucia*). Mãe, desejo falar a sós com o doutor. Poucos momentos... Attende que não nos interrompam... Sinto-me tambem doente... Preciso consultar o medico e a um medico como este... amigo... amigo intimo...

AYRES PERES (*affectuoso*)

Fazes bem... saiamos, Lucia... Não te abatas muito, filha...
(*Ayres Peres sae*)

LUCIA (*abraçando a filha*)

Olha, Amelia, cuida de ti... Quem trataria de Amadeu?... Melhores tempos hão de vir... Tem certeza.

(*Amelia responde ao beijo que lhe dá Lucia e a impelle meigamente. Sae Lucia*)

SCENA III

(Amelia, Dr. Ramos).

AMELIA

Sentemo-nos, doutor. (*A' meia voz*) Deus todo poderoso, dá-me coragem! (*Sentam-se. Breve pausa*). Ao ouvir, Sr. Dr. Ramos, o que lhe vou dizer e revelar, não se esqueça de uma cousa, é que vai falar uma mãe... é que desaparece a senhora da sociedade... e a esposa de John Smith...

DR. RAMOS (*surprezo*)

Não comprehendo, D. Amelia...

AMELIA (*continuando*)

Presinto que o meu filho está muito mal...

DR. RAMOS

Não lhe occulto... mas, emfim...

AMELIA

Por vezes tenho visto o senhor vacillar no caminho que deve tomar para debellar essa enfermidade...

DR. RAMOS

Ainda... é facto!...

AMELIA (*com grande expressão de angustia*)

Ha bastante tempo que as suas palavras e theorias não me deixam mais socego e me ferem de morte a consciencia e o coração... De continuo — noite e dia — levo a pensar nellas, e dentro de mim se travou medonha luta, luta entre o dever... dever imperioso... improrogavel... e o orgulho... (*Atalhando e com energico gesto de dôr*). Não, orgulho, não; vergonha... vergonha! Vergonha... sim!

DR. RAMOS (*admirado*)

D. Amelia, que quer isto dizer?

AMELIA

Hoje, porém... vejo meu filho... meu adorado filho em perigo de vida e (*com custo*) não posso mais vacillar. Quem me diz que não falo tarde de mais! (*Com explosão, após breve parada*). Doutor... Amadeu não é filho de meu marido!

DR. RAMOS (*levantando-se assombrado*)

Como, senhora? Mas... está louca!... Está... (*Amelia faz signal com a cabeça que não*) Como é possível? (*Inclina-se sobre Amelia*)

AMELIA (*acabrunhada*)

E' tão terrivel... não é verdade?

DR. RAMOS (*com exaltação*)

Ah! E por que não me disse isto ha dous annos? Eu estaria de sobreaviso... não me havia de illudir tanto! Mas... não... é isto desvairamento seu... Como?... dous entes tão unidos! Seu marido tão nobre... tão digno! Tamanha amizade e calma em torno dessa criança... Tanto apego nesse pai... Oh! pobre humanidade! (*Contendo-se a pouco e pouco*) Perdoe-me, D. Amelia... Sahi do meu papel de medico. Não posso julgal-a... não tenho esse direito... Não me compete qualquer juizo... Aceito o facto... Asseguro, juro a V. Ex... pela minha palavra de honra... que esse tenebroso segredo morrerá commigo... juro-lhe, tambem, que me curvo cheio de respeito e admiração perante o sacrificio immenso... incalculavel que a senhora acaba de fazer... e a que só um coração de mãe seria capaz de sujeitar-se... só... só elle! Muito se tem cogitado de todas as manifestações do amor materno... dos extremos a que pode chegar... Eis mais uma prova, em que de certo ainda ninguem pensara!... E ella não é menos pungente... menos sublime, que as mais cheias de horror, de abnegação e dôr!... Coragem D. Amelia! Veja... como estou commovido... eu... acostumado a todos os soffrimentos... a todas as miserias deste mundo!

AMELIA (*com voz sumida*)

Obrigada... doutor, obrigada... Compreendeu-me, é quanto basta! Compreendeu tambem o meu martyrio de tantos... de tantos annos!

DR. RAMOS (*com tom diverso*)

Nada de fraquezas... Sejamos medico. (*Sentando-se novamente junto de Amelia*) E esse pai vive ainda?

AMELIA

Vive! Pelo menos... assim creio... Sei que esteve gravemente doente... mas salvou-se... apprehendeu viagem distante...

DR. RAMOS

Natureza... sem duvida debil.

(*Amelia faz signal affirmativo com a cabeça*)

DR. RAMOS

Agora tudo se aclara...

AMELIA (*com esforço*)

Quando vi meu filho... Amadeu cada vez mais fraco, estive quasi chamando a esse homem que, como já lhe disse, está fóra... muito longe... nem sei onde... Escrever-lhe-ia ao acaso para Paris... contando-lhe tudo... para que elle aqui viesse dizer ao doutor quanto na meninice e mocidade foi tambem debil e adoentado... o que fizeram para salv-o... o regimen especial que seguiu... Sim, havia de vir... tenho toda a certeza... Por outro lado achei tanto perigo nisso até para mim... tal desencontro de sentimentos se alvorçou no meu intimo... que vacillei e nada decidi... Aquillo tudo foi enorme fatalidade. Não devo nem posso agora narrar-lhe pormenores, doutor... Houve de permeio uma injuria atroz... (*com sorriso ironico*)

Isto é... atroz para a minha vaidade de amante... Hoje tudo me parece tão diverso... tão pueril... e peccaminoso ao mesmo tempo! Ah! doutor, quanto faz sofrer á mulher a successão de mil futilidades sociaes a aggravar a infelicidade do seu organismo! (*Erguendo-se por movimento convulso*) Por que, meu Deus, tanta injustiça e inferioridade para nós... essa exaltação, nas mais bem intencionadas, que nos leva de repente, quasi inconscientes, até á infamia?... (*Pára como que suffocada*).

DR. RAMOS (*com meiga autoridade*)

Acalme-se, D. Amelia, sente-se (*Pega-lhe na mão e faz-a sentar*) vou comprehendendo quasi tudo.

AMELIA (*após breve pausa*)

Esse homem... muito me amou... muito me ama ainda, tenho convicção... Por minha causa... pela demora que aqui teve, deixou de recolher o ultimo suspiro de sua mãe, que encontrou já morta... Li a carta em que me falava nisso, e inundou-me a alma uma onda de compaixão... loucura... não sei o que... de que tive medo... Suas palavras suscitaram medonha revolta, que custei a conter e suggeriram-me planos insensatos... Desde então rasguei, sem abrir, quantas cartas fui recebendo... e ha muito não tenho mais noticia delle... Oh! quanto, quanto tenho soffrido!...

DR. RAMOS (*com calma e compassivo*)

Quanto... na verdade!... Um momento de vertigem... Depois concebeu essa criança na tristeza... nas

lagrimas... no remorso... superexcitação immensa de todo o systema nervoso.

AMELIA

Ah! senhor... nem sei como resistimos ambos... eu e o fruto da minha falta... do meu crime...

DR. RAMOS (*continuando*)

E mais se exacerbaram as predisposições morbidas da constituição paterna.

AMELIA (*acabrunhada*)

De facto... ha de ser assim... e ahi estava o meu castigo tremendo... Mas não era só isso... Para bem descrever-lhe, doutor, quanto supportou e supporta minha pobre alma, fôra necessario reconstituir... dia por dia... hora por hora... minuto por minuto, esses seis annos que passaram... Os afagos... os carinhos... os cuidados de um pai para aquelle que não era seu filho... o amor deste quasi exclusivo a me causar incomprehensiveis ciumes... em summa um martyrio constante... um sem numero de sensações encontradas e pavorosas... Sim... positivamente pavorosas... E o futuro a se entenebrece cada vez mais... quando entretanto... nenhuma sombra parecia ennevoar a limpidez do presente... Oh! é horrivel! E... como em tudo quanto nos acontece, o egoismo toma parte de leão... o contraste, a contraposição do que eu poderia ter sido na calma, na paz, na dignidade da minha consciencia com aquillo que eu era e sou na conturbação de todos os meus pensamentos, me trazia e me traz

soffrimento... acima das forças... Na insistencia de uma idéa fixa, procuro uma só attenuante, uma falha sequer no character do meu marido... e não encontro... Sempre o mesmo... Está tão longe... tão longe de suspeitar de leve a injuria que lhe fiz... quanto eu, na miseria de todos os meus remorsos, distante da placida solennidade em que descansa aquella natureza nobre e generosa. (*Com exaltação*). Tambem, doutor, resolvi desvendar-lhe tudo... não posso mais... Estou como esses grandes criminosos que só vêm na denuncia propria á justiça que os vai talvez guilhotinar, lenitivo ao mysterio fatal que os aniquila... e que todos desconhecem... O mesmo sigillo a garantir-lhes a impunidade e a vida é mais uma causa de terror e desespero...

DR. RAMOS

Não, D. Amelia, tenha mais calma... Pense...

AMELIA (*com resolução*)

Pensei muito... Tudo se liga, doutor... O meu casamento... foi demais precipitado... Levou-me ao altar só o orgulho, só a idéa de ser rica... Depois, as festas... a vida exterior não me deram tempo de conhecer o thesouro que eu possuia como esposo... De certo... estimava a John Smith... o considerava até... mas só, só nestes ultimos annos de uma intimidade completa, verdadeira... quando, comtudo, o irremediavel estava já entre nós e me curvava ao seu jugo de ferro... foi que conheci quanto elle vale... quanto é bom... quanta meiguice e elevação lhe são peculiares.

(*Com firmeza*) Não! Elle deve conhecer tudo... faça de mim o que quizer... o que entender... Julgue-me como mereço... como devo ser. (*A meio desvairada*). E' o meu dever hoje... cumpril-o-ei... Tenho por força que descahir do pedestal em que me collocou o seu amor... a sua admiração... Devo ser enxotada... expellida... suppliciada... Quero que elle me julgue... Quero!

DR. RAMOS (*levantando-se e com imperio*)

Silencio! senhora!... Hoje... o seu dever é calar-se!... Attenda... Sua cruel revelação deu-me autoridade para muito... Não lhe é licito julgar-se com direito de esmagar a vida inteira de seu marido. Afinal de que serviria tão temeraria resolução? John Smith a estremece com affecto enorme... e qualquer suspeita da verdade o precipitaria das cumiadas de uma felicidade que elle tem gozado sem nuvens aos vortices da mais estupenda desgraça... Para que perturbar serenidades celestes, maculando o azul do firmamento com os negros miasmas da terra?... Como expiação basta... o que a senhora tem soffrido... Que faria elle de posse de tão medonho segredo?... Maltratal-a-ia, calcal-a-ia aos pés, tirar-lhe-ia a vida?... Não... a senhora bem sabe... Na grandeza dos seus sentimentos, veria em si a causa unica da desventura da mulher a quem tanto ama... e não trepidaria um instante em fazer saltar os miolos... Amadeu... apezar da pureza da sua meninice... é um symbolo de reprovação... Se elle viver... é que Deus perdôou tudo... e tudo encampa no seio da grandiosa criação... Se elle (*parando com emoção*) não puder resistir...

AMELIA (*tapando o rosto com as mãos*)
Doutor... doutor!...

DR. RAMOS (*continuando*)

...uma missão legará á sua mãe... cuidar da felicidade do ente a quem elle chama de pae... e como tal adora, pagando affecto... por affecto (*Com outro tom*) E basta... basta!... Nunca mais se toque neste assumpto... E' um sonho... mau sonho de certo... mas não passa disto. Psio! ahí vem seu marido!... Calma... muita calma! (*John Smith entra*)

SCENA IV

(Dr. Ramos, Amelia, John Smith).

JOHN SMITH (*para Amelia*)

Ainda estavas chorando, hein? Não ha motivos para te affligires assim... Amadeu parece-me outro... Estive duas horas com elle... Nunca o vi tão animado e interessante... Falou-me como se fosse um homem feito. Contou-me mil historias... planos do futuro (*Com fingida jovialidade*). E' ambicioso deveras... Quer ser general... dar muita gloria ao seu nome... De certo... a ouvil-o... ninguem pode suppor tão grave enfermidade. Confiemos na Providencia, Amelia... Ella não nos ha de arrancar a alegria da existencia... O que seria de nós neste mundo sem este menino? (*Enternecendo-se*). Ha pouco dizia-me elle com sua voz harmoniosa como a de um passaro: «Quasi que gosto mais

de papae do que de mamãe» (*Amelia faz um gesto doloroso*). E eu... (*Atalhando e com tom diverso*) Deixemo-nos de tolices... Sem duvida alguma, elle está melhor... Só não gosto daquelle tremor. Vá vel-o, doutor, e confirme as nossas esperanças... Devo escrever uma carta urgente e já volto. (*Sae*)

SCENA V

(Amelia, Dr. Ramos (de pé) Martim Pedro).

DR. RAMOS (*depois de alguma pausa*)

Vou ver o Amadeu... Antes... preciso do seu juramento... Esse terrivel mysterio... morrerá com a senhora... e commigo, não é verdade?

AMELIA (*indecisa*)

Mas...

DR. RAMOS

Jure... D. Amelia...

AMELIA (*acabrunhada*)

Juro, doutor! Quem de tudo sabia, já desapareceu da terra! (*Como que para si*). Pobre Mariúna, quanta dedicacão! Que nobreza de sentimentos! Nunca a menor referencia... Com ineffavel carinho rodeava-me a doçura da sua cumplicidade... Expirou nos meus braços e suas ultimas palavras ainda me echoam na alma: «Não é exacto, Nêê, que eu soube guardar o meu segredo?... Era meu... só meu!» (*Com gesto de*

dolorosa resignação). Emfim... appello... para quem, meu Deus?

(Martim Pedro entrando pela porta da esquerda)

MARTIM PEDRO

Minha senhora, o Sr. Amadeu quiz por força vir para esta sala. A criada o traz no carrinho.
(Entra a criada empurrando um carrinho, em que está um menino de 6 annos mais ou menos).

SCENA VI

(Os precedentes, Amadeu).

AMELIA *(correndo para o filho)*

Amadeu... querido filho... então te achas mais forte?

DR. RAMOS *(adiantando-se rapido)*

Amadeu *(Com voz enternecida)* Amadeu...

AMADEU *(erguendo-se um pouco com olhar espantado, fitando o Dr. Ramos e dirigindo-se á Amelia)*

Quem é este homem? Mamãe...

DR. RAMOS

Teu medico, teu amigo!... Não me conheces mais?
(Assustado) Não me enxergas mais?

AMADEU *(com assombro)*

Ah! mamãe... tenho medo de tudo...

AMELIA *(com muita dôr)*

Oh! meu filho... porque?

(Pausa, durante a qual Amadeu abre olhos desvairados)

AMADEU

Vejo aqui uma sombra tão grande, tão grande!
(Com gesto de terror) Está se levantando a sombra! Está se levantando! E' um fantasma! Vem para cima de mim!... *(Gritando)* Não quero... não quero que me level... Meu pai, meu bom pai... Onde está elle? que medo eu sinto! Que medo!

AMELIA *(ajoelhando-se junto ao filho)*

Meu filho... meu Amadeu... Estou aqui, tua mãe...

AMADEU

Não quero você... Quero meu pae... Só meu pae...

AMELIA *(apalpando Amadeu)*

Doutor, como está suando frio! Treme todo!

(Dr. Ramos chega-se á porta da direita e chama para dentro. «Venham depressa» (Entram precipitadamente John Smith, Lucia, Ayres Peres e criados)

SCENA VII

(Os precedentes, John Smith, Lucia, Ayres Peres).

LUCIA (*correndo*)

Que ha? O menino não havia melhorado tanto?

(*John Smith, Amelia, rodeiam Amadeu*)

DR. RAMOS (*para Lucia e Ayres Peres, tapando o rosto com o lenço*)

Está expirando.

AMELIA (*com um grito de selvatica angustia*)

Doutor, doutor!... meu filho está morrendo...

JOHN SMITH

Amadeu... Amadeu!...

AMELIA (*desvairada, adiantando-se para a frente da scena*)

Descubro tudo... Eu conto tudo! Não posso mais... Venha, venha a morte... tambem para mim! (*Gritando*) John!...

DR. RAMOS (*precipitando-se sobre ella e agarrando-lhe no braço com violencia*).

Senhora... Não perturbe... a morte de seu filho!...

AMELIA (*como louca*)

Oh! mereço... o que tive... John! John!... Eu sou... eu sou... (*Cae desmaiada nos braços de Lucia*).

JOHN SMITH (*corre para ella*)

Amelia! Minha Amelia!

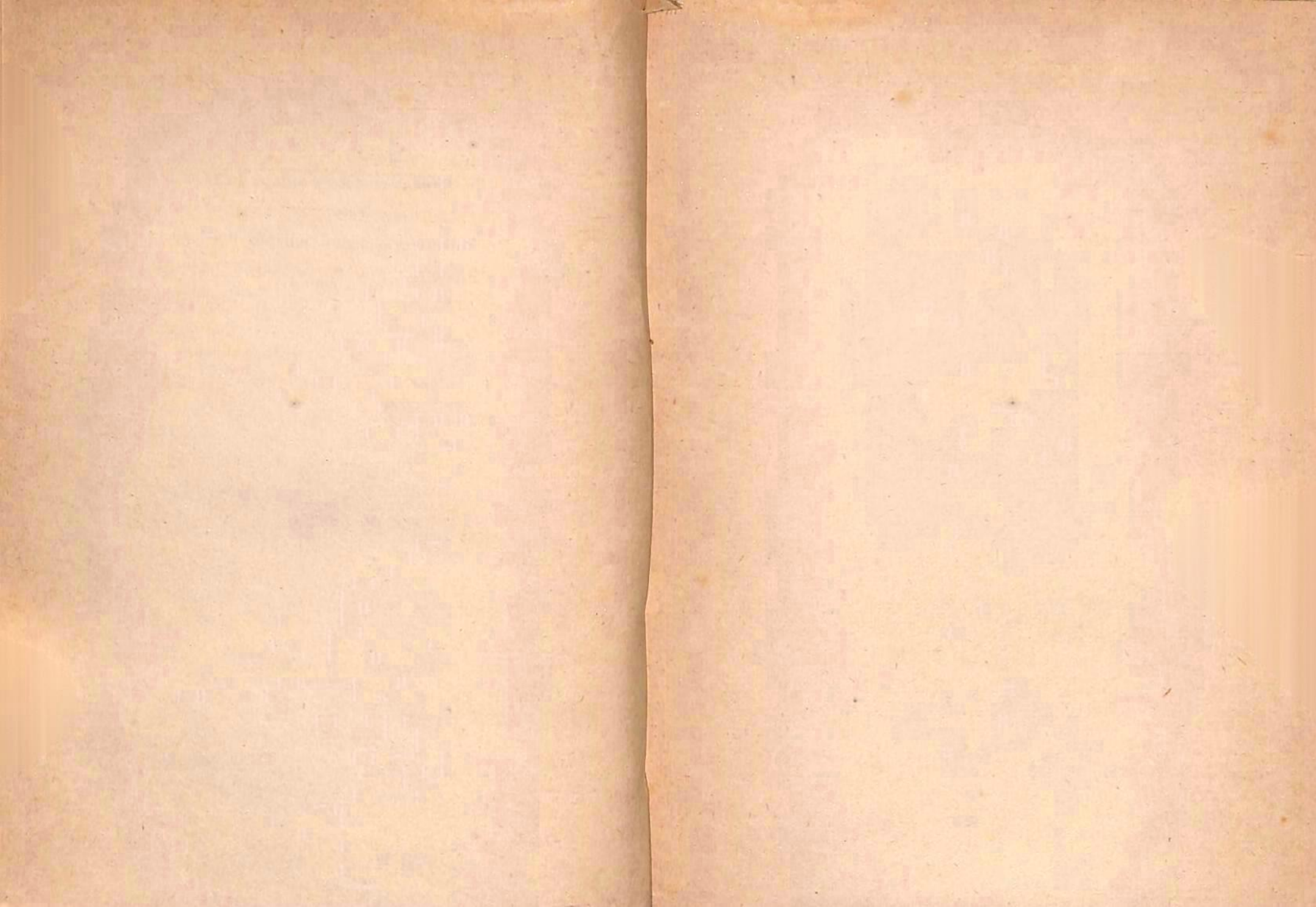
(*Dr. Ramos vem para a boca da scena*)

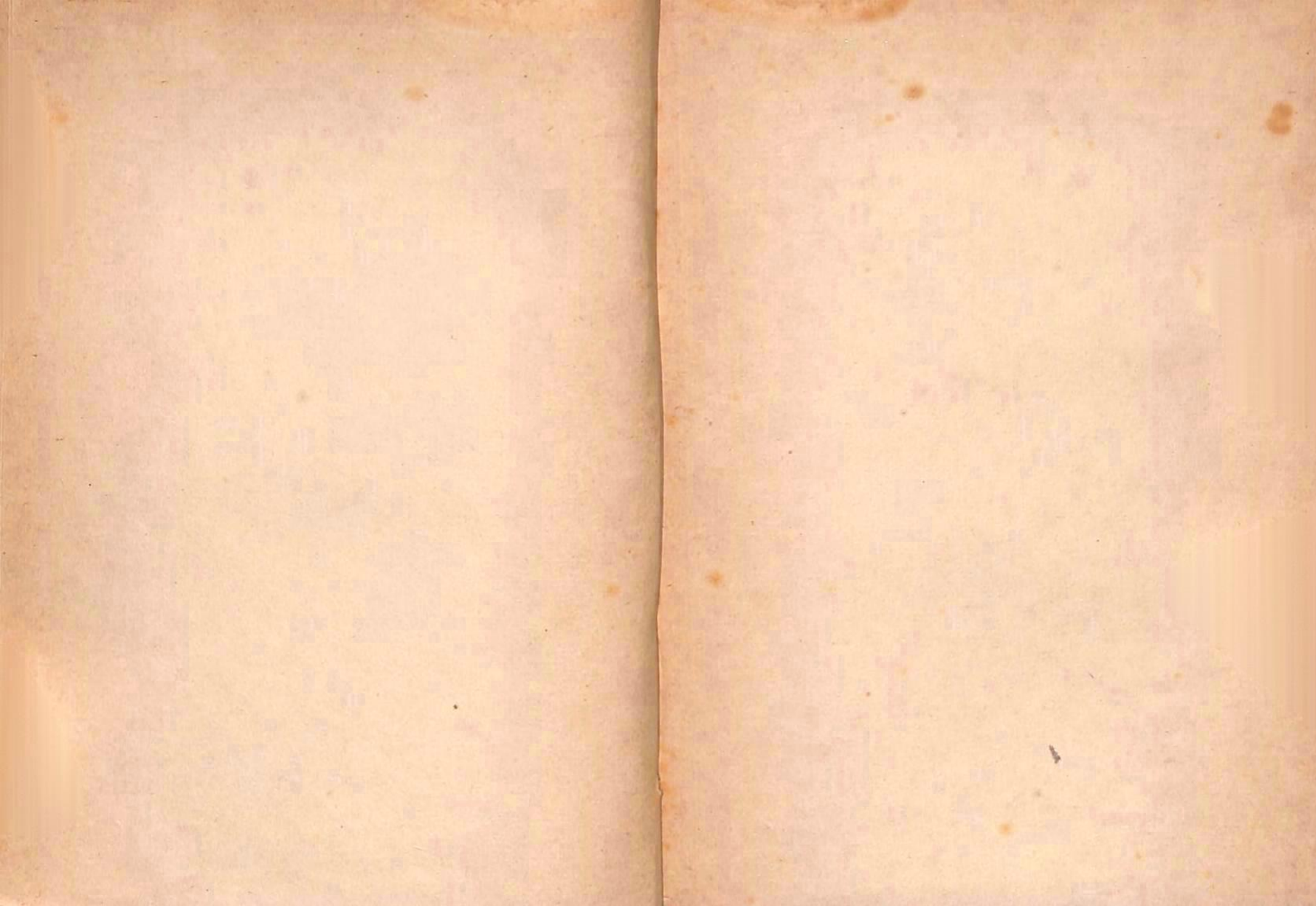
DR. RAMOS

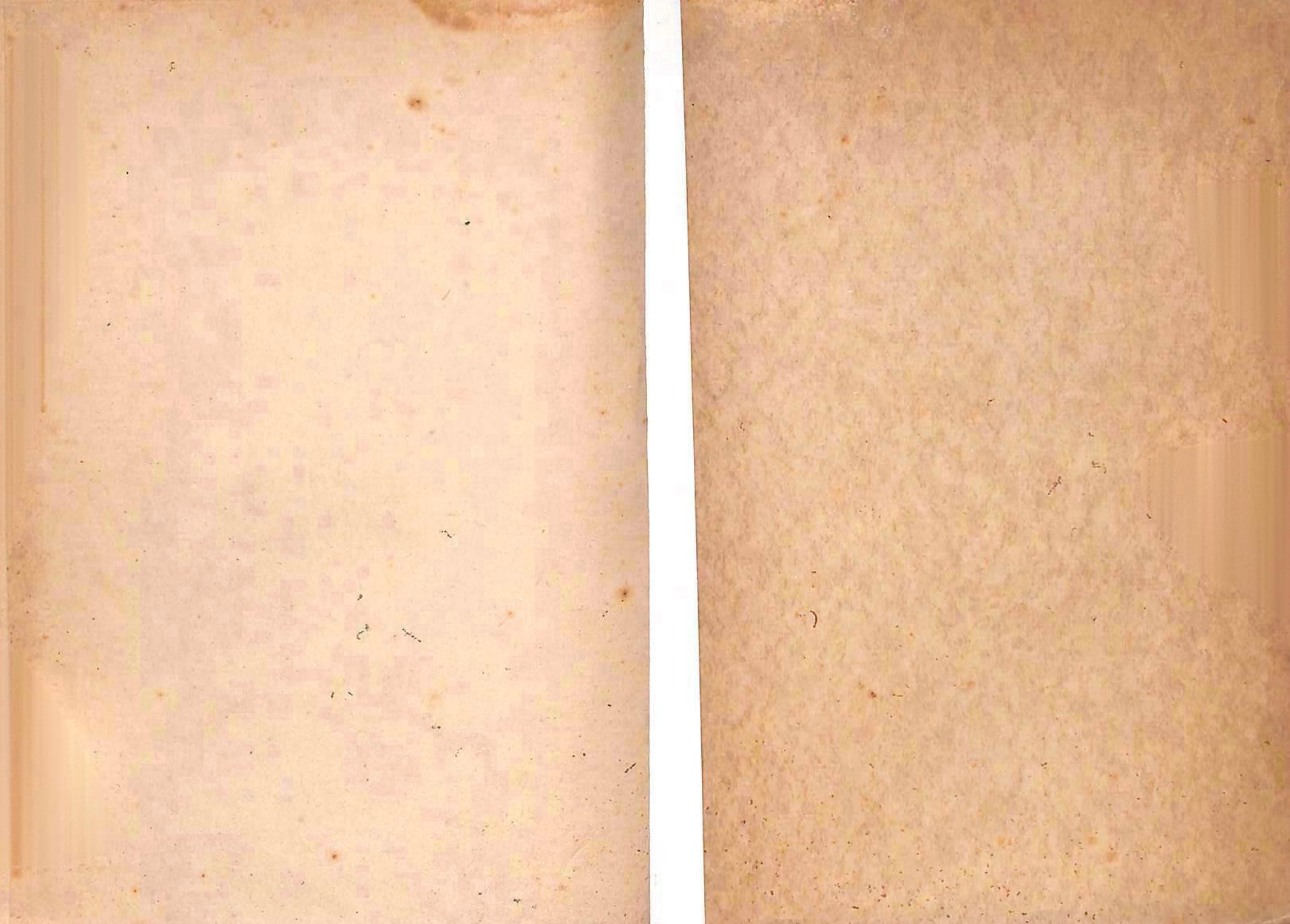
Deus, ó Força eternamente vigilante, tua logica é inflexivel!

(*Cae o panno*)

FIM DO DRAMA







C.ª MELHORAMENTOS DE S. PAULO

(WEISZFLOG IRMÃOS INCORPORADA)

Matriz: SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 30-30D

Gaixa Postal, 2941



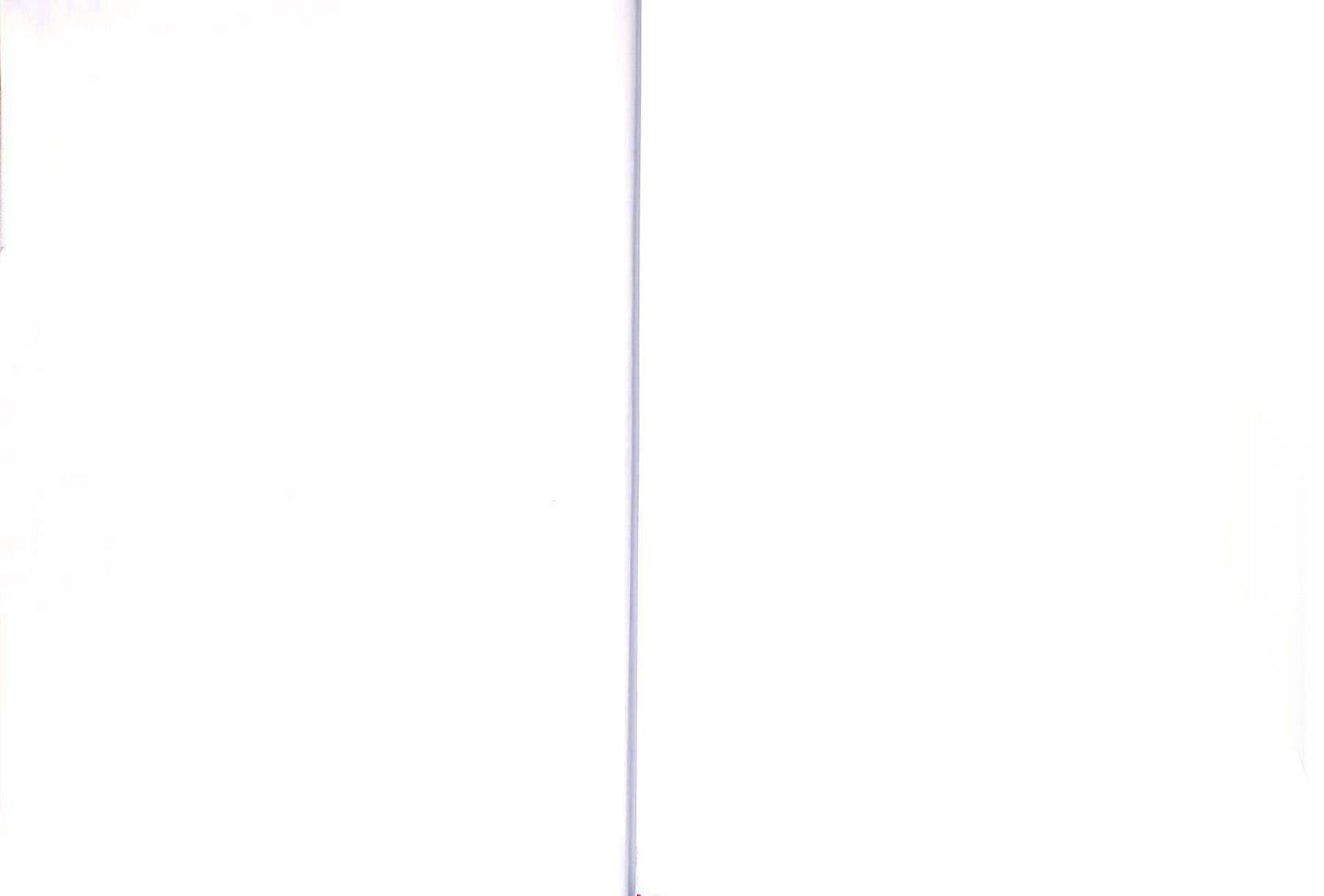
Filial: RIO DE JANEIRO

Rua Buenos Aires, 40-42

Gaixa Postal, 1617

Obras do VISCONDE DE TAUNAY

Amelia Smith	6\$000
Innocencia — brochado	6\$000
— encadernado	15\$000
Dois Artistas Maximos — José Mauricio e Carlos Gomes	6\$000
O Visconde do Rio Branco	6\$000
Cartas da Campanha	5\$000
Ouro sobre Azul (Romance brasileiro)	8\$000
No Declínio, idem	5\$000
Ao Entardecer, novellas	5\$000
Philologia e Critica	5\$000
Recordações de guerra e de viagem	5\$000
Trechos de minha vida	6\$000
Viagens de outr'ora	5\$000
Reminiscencias	5\$000
Homens e Cousas do Imperio	5\$000
A Cidade do Ouro e das Ruinas	5\$000
A Guerra do Pacifico	5\$000
O Encilhamento — brochado	5\$000
— encadernado	14\$000
A Retirada da Laguna (com documentos)	8\$000
A Retirada da Laguna (sem documentos)	6\$000
Paizagens Brasileiras	5\$000
Diario do Exercito - 1.º Vol. - A Campanha da Cordilheira	7\$000
- 2.º - De Campo Grande a Aquidaban	7\$000
Manuscripto de uma Mulher	6\$000
Ceus e Terras do Brasil	5\$000
Dias de Guerra e de Sertão	6\$000
Visões do Sertão	6\$000
Marcha das Forças	7\$000
Em Matto-Grosso Invadido	6\$000
José Mauricio Nunes Garcia	6\$000



Taunay

V. Eduardo Salomonte. Amelia Smith.
In: Gazeta de Noticias, 11 jan 1887

Shawon Serya. Visc. de Taunay. Rio, 1952.
An. Inst. Hist. Perfis Acadêmicos. Rev. de
Acad. B. Letras. Rio, vol 29, 1929, p 42-62

V. 1ª edic: Rio, Typ. Lit. Laemmert, 1886

O Membranum
jan de
1884

Jernunio

de fitas:
(123) em
versos

Jernunio
que enova
Amor de leite
de duplas
a abundancia
o pitto no
o leite e
vendo, algal
etc

